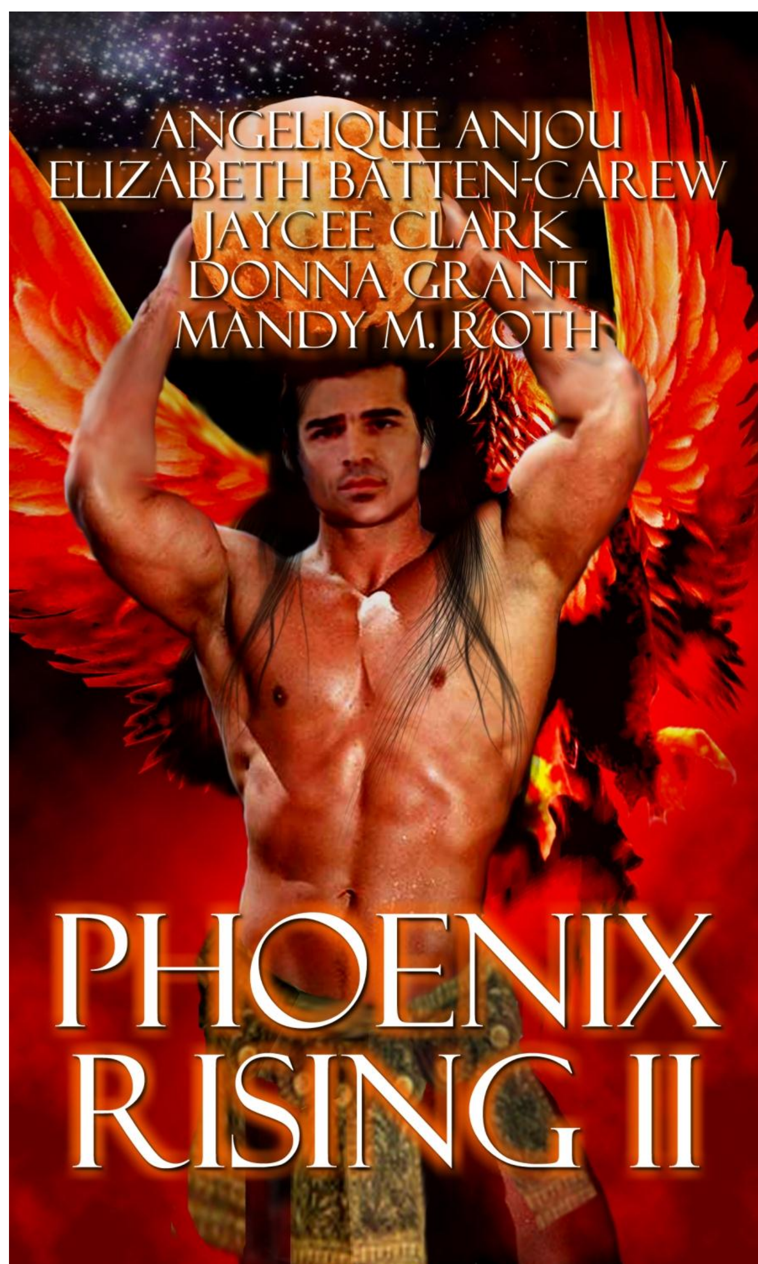


Príncipe do Desejo

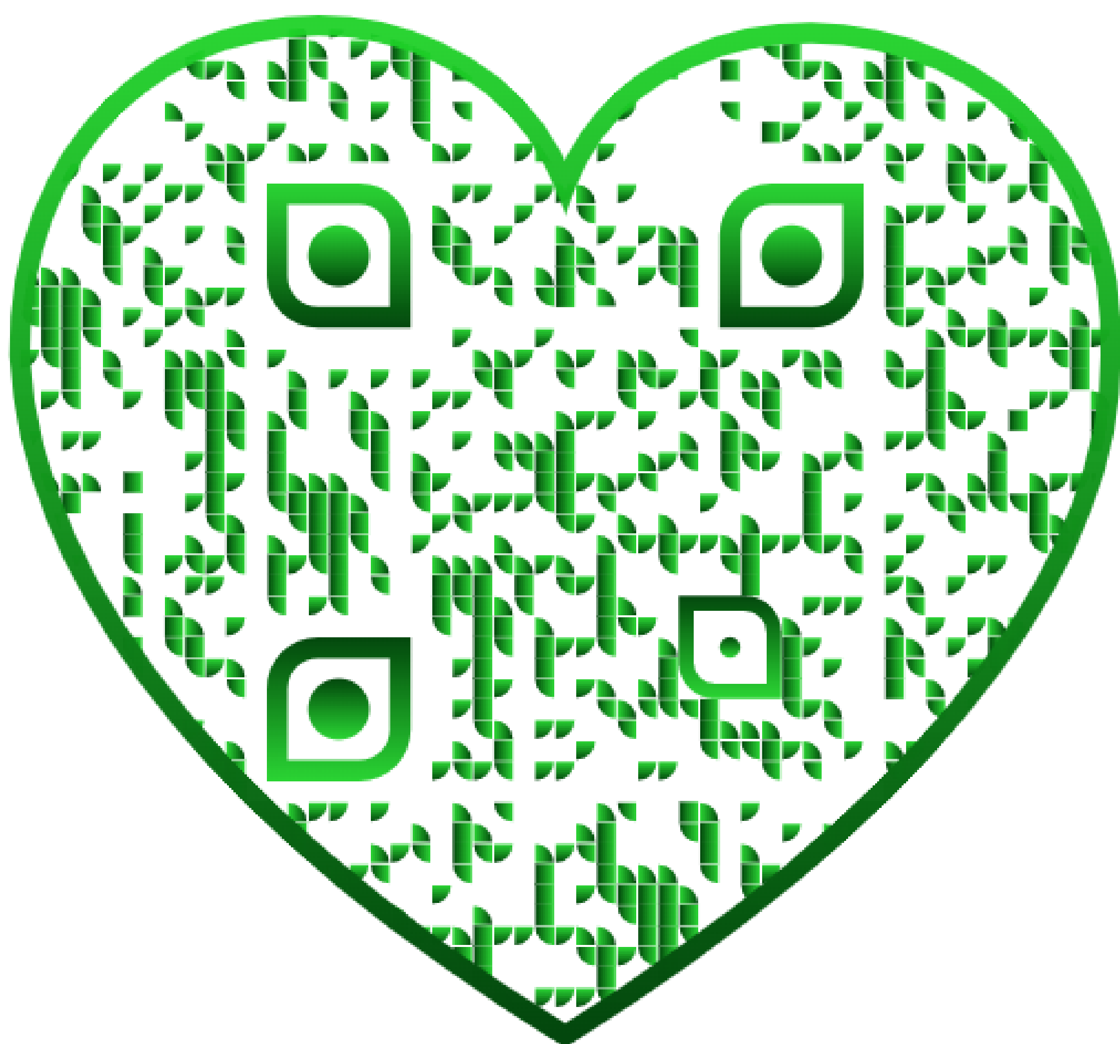
Disponibilização e tradução: Rachael Moraes
Revisão: Adriana Ramalho
Revisão Final: Angélica

Resumo:

Lucian sabe que seu tempo está se esgotando para encontrar sua companheira e voltar com ela para Drahcir, o reino secreto no profundo coração da montanha de Ben Nevis.

Quando finalmente encontra a sua companheira, ele está despreparado para o ardente desejo que sente por Isabelle e o apetite insaciável que tem por ela e por seu corpo delicioso.

Mas será que a paixão que sentem será o suficiente para convencê-la a esquecer sua vida e o risco de ir para um reino escondido onde a magia é um modo de vida?



Capítulo Um

Verão de 1268
Em alguma parte das montanhas de Escócia.

Depois de anos de busca, finalmente a tinha encontrado.
Depois de semanas de vigília, agora a teria.
Lucian Sinclair inalou o ar fresco, encrespado das Montanhas. Tinha esperado por esse dia tanto tempo como ele fora capaz de recordar. Desde que seu pai, o Rei Urises, havia dito a seus filhos que deviam encontrar a seus consortes antes da quinta lua do ano da colheita, Lucian se tinha preparado para este dia.
Drahcir, sua pátria, estava no profundo coração das montanhas do Ben Nevis. Uma terra tão secreta que ninguém sábia de sua existência, e era essencial para sua sobrevivência que continuasse dessa maneira.
Fazia séculos, uma princesa desprezada do Fae amaldiçoou o pequeno reino. Desde esse negro dia, os príncipes e as princesas da casa real se haviam vistos forçados a procurar a seus consortes eternos e a convencê-los para que fossem para reino, ou a cidade e seus ocupantes deixariam de existir.
Lucian havia já esgotado quase dois anos de busca de sua consorte, mas agora que a tinha encontrado, quis assegurar-se de que pisava lentamente para aproximar-se dela. Agradecendo, de que o tempo se movia mais lento na cidade escondida, lhe permitindo o tempo que necessitava para cumprir com sua missão.
Ele observou como ela acabava de limpar as mesas no pequeno botequim, seu glorioso cabelo marrom pendurava detrás dela em uma grosa trança. Sua risada vagava para ele através da janela aberta enquanto ela e a esposa do dono falavam e posavam as cadeiras em cima da mesa.
Sua auréola, que o tinha conduzido até ela, resplandecia com brilho luminoso e sólido apesar de sua pobre vida e de seu magro e cansado corpo. Logo ele a apartaria longe de tudo isto. Muito em breve.
Sua mão se flexionou no punho de sua espada assim ela fez o gesto de "adeus" aos donos e saiu do botequim. Ela passou com largas pernadas perto de onde ele se escondia nas sombras. Lucian esperou até que ela se aventurou rua abaixo que conduzia para sua pequena casa de campo antes que ele assobiasse a seu garanhão. Seu cavalo veio imediatamente, e ele rapidamente o montou.
Era tudo o que Lucian podia fazer para não agarrá-la rapidamente e levá-la longe com ele a Drahcir, mas devia entrar pelas portas do reino com ela disposta ou tudo se perderia. Muitas vezes ele tinha amaldiçoado essa regra que o Fae tinha posto em lugar, mas estavam amarrados a ele tal como estavam amarrados à cidade escondida.
Ele manteve uma mão firme nas rédeas quando Aled se ergueu debaixo dele, impaciente por uma carreira. Lucian contou até dez, logo afrouxou as rédeas para dar ao semental o controle. Ele amou a noite e tudo próximo a ela, a escuridão aveludada e o brilho da lua, os sons e a paz.
Tinha viajado quase a meio caminho da casa de campo de sua consorte quando ele ouviu a risada masculina... e logo o grito lhe perfurou o ouvido. Ele sabia em sua alma que o grito pertencia a sua consorte. Com um grunhido, ele desencapou sua espada e esporeou ao garanhão em uma carreira.
O vento açoitava ao cabelo e à capa assim como o terreno se movia a grande velocidade debaixo dele. Seu sangue se congelou em suas veias ao precaver-se de que devido a que tinha sido tão cuidadoso em lhe dar tempo a sua consorte, ele pôde ter selado sua morte.

O que Lucian viu quando ele se chocou contra o grupo o fez romper em um suor frio. Quatro homens corpulentos, asquerosos rodeavam a sua consorte. Três a sustentavam enquanto que o outro desenlaçou suas calças.

Uma ardente fúria branca consumiu ao Lucian. Ele se inclinou baixo sobre sua cavalgadura e carregou contra eles. Era justa a surpresa que ele necessitava para dispersar aos homens aos quatros ventos. Ele rodou ao redor com o Aled e esperou.

Um dos bandoleiros se recuperou e atacou. Lucian golpeou com o pé direito, aterrissando a ponta da bota no nariz do homem, fazendo pedaços o osso imediatamente. O homem uivou e caiu a terra com as mãos entre sua cara. Lucian olhou fixamente aos outros três, esperando o seguinte ataque. Fora da esquina de seu olho, ele divisou a sua consorte escondendo-se detrás de uma árvore.

Isabelle sabia que ela deveria correr e nunca olhar para trás, mas ela não podia apartar a vista do enorme homem montado a cavalo. Inclusive na escuridão com somente a luz da Lua cheia para iluminar, ele era intimidante e poderoso. Entretanto os tolos que tentaram violá-la continuaram atacando-o.

Ela olhou fixamente, enfeitiçada, pois ele utilizou os pés, a espada, o escudo, e seu cavalo para derrotar aos três homens restantes. Um sorriso saiu de seus lábios enquanto que ela olhava aos quatro homens que rodavam gemendo de dor.

-Serve-lhes a direita. - ela sussurrou.

E então seu salvador deu volta para ela.

-Ainda, os tolos que trataram de violá-la continuaram lhe atacando.

-Os despachastes bem. - ela murmurou.

E logo seu salvador trocou de direção para ela.

Isabelle caminhou lentamente até seus pés, mas não se moveu para ele. Ela conhecia este bosque e poderia perder-se nele em caso de necessidade.

A capa foi lançada sobre os ombros para revelar a roupa escura de qualidade fina. Embora ela não tivesse visto sua roupa, ela sabia por sua cavalgadura que não era um camponês. Além disso, os camponeses não podiam lutar como ele.

-Obrigado. - ela disse.

Ele se inclinou de modo respeitoso sua cabeça escura antes de desmontar e passar um pano sobre o sangue de sua espada na túnica de um dos homens feridos. Uma vez que foi embainhada, outra vez a olhou.

-Você está ferida?

O timbre profundo de sua voz a rodeou, encantando-a. Ela sacudiu lentamente sua cabeça.

-Não estou aqui para te machucar. - disse sem pressa, como se falasse com um menino ou a um animal assustado.

Na verdade, Isabelle estava aterrorizada. Mais do que lhe importava admitir. Ela tinha vivido no pequeno povoado toda sua vida e nunca se topou com qualquer rufião que queria lhe fazer dano, salvo esta noite embora devesse estar contente de que alguém estivesse ali para auxiliá-la, ele era um desconhecido.

-Quem é você? - Ela perguntou brandamente.

Ele sorriu e dobrou sua cabeça como se ele se apresentasse ante uma rainha.

- Sou Lucian Sinclair.

Logo que ele havia dito seu nome, ela sentiu um pequeno tremor percorrer através dela, embora não era de terror. Foi quase como... de reconhecimento. De boas maneiras ou não, depois de seu ataque, ela não estava ansiosa por confiar em qualquer.

-Vivi aqui toda minha vida e conheço todo mundo, assim é que sei que você é um desconhecido para este povo. De onde você é?

-De uma terra longe daqui.

Nada tinha para lhe perguntar com exceção de ir-se, mas ela sabia que ele não ia fazer isso. Ela não tinha nenhuma arma. Sua única defesa era o bosque, e embora ele estivesse agora de pé, ele podia montar em seu grande cavalo e agarrá-la antes que ela pudesse usar o bosque para tomar vantagem.

-Deixe-me levá-la a casa. - ele disse e deu um passo para ela, com a mão estendida.

Isabelle não se moveu. Tinha visto de primeira mão justamente o rápido e mortífero que ele era com a espada e o corpo. Era um homem perigoso, um desconhecido, e se ela não ia com cuidado, poderia encontrar-se a um passo de um grupo de assaltantes a um homem que poderia fazer mais dano que os quatros antes dele.

Embora ela pudesse ver em parte seu rosto à luz da lua, o sorriso não dissuadiu o poder que emanava dele. Era seu salvador ou seu carrasco? Sua decisão poderia lhe custar à vida.

Em resposta ao seu silêncio, ele se agachou e tirou uma adaga de sua bota.

-Aqui. - ele disse quando a deu pelo punho. -Tome isto. Se fizer algo que você não esteja de acordo, então a use.

Só um parvo recusaria uma arma, e Isabelle não era uma parva. Ela estendeu a mão e agarrou a adaga. A adaga não faria muito dano, mas era uma arma e muito bem poderia lhe dar a oportunidade que necessitava se tinha que escapar.

Ele sorriu.

- Bom. Agora, visto que tiveste uma noite tão horrível, por que não me permite que te escolte a casa? Pode montar ao Aled e eu caminharei. - disse antes que ela pudesse emitir uma réplica.

Isabelle olhou ao redor dela. Os homens se incorporavam lentamente sobre seus pés e se escapuliam rapidamente, mas quem podia assegurar que não voltariam com reforços. Ela desejava estar longe de ali e no refúgio de sua casa. A segurança era algo que ela sempre tinha dado por certo em sua pequena aldeia. Nunca mais assumiria que ela estava a salvo. Justamente era outra razão pela que ela odiava viver sozinha.

Como de costume, quando ela pensou em sua existência solitária, pensou em seus avôs e quanto os perdeu. Ela estava cansada de estar sozinha, mas inclusive sabia que isso era tudo o que podia esperar o resto de sua vida.

Embora soubesse que não deveria confiar no escuro estrangeiro, ele atirava dela com dedos invisíveis. Era algo que seu corpo sabia, mas seu cérebro não. Para sua surpresa ela se encontrou dizendo:

-Tudo à direita. - Ela se moveu da segurança da árvore ao cavalo e ficou com o olhar fixo para cima a grande altura. Ela não era uma moça pequena, mas o cavalo era o mais alto que ela alguma vez tinha visto.

- Me deixe te ajudar. - Lucian disse uns poucos momentos antes que suas mãos agarrassem sua cintura.

Isabelle teve apenas tempo para ofegar antes que ela fosse colocada em cima do cavalo que teve a ousadia de dá-la volta e olhá-la como se ela fora uma mosca repugnante lhe incomodando.

Não lhe deu tempo para fazer qualquer outra coisa exceto agarrar-se adiante quando Lucian agarrou a brida do cavalo e começou a caminhar. Seus músculos estavam dolorosamente tensos. Ela esperava que ele falasse, e quando não o fez, ela ficou ainda mais nervosa.

Os sons da noite ecoaram ao redor deles enquanto que a lua os seguiu. Ao Lucian não parecia pôr atenção à escuridão ou aos sons enquanto ele caminhava sem pressa pelo caminho.

Uma vez mais ela decidiu perguntar suas origens.

-De onde exatamente vem você?

-Das profundas Terras Altas (Highlands).

Isabelle bufou, um pouco impróprio de uma senhora, mas algumas coisas demandaram uma bufada. Como respostas vagas.

-Vivi nas Terras Altas toda minha vida e conheço a maioria dos clãs. A que clã pertence você?

Durante uns instantes, ele não respondeu. Deteve-se e deu meia volta para ela.

-Não pertenço a um clã.

Ela o estudou silenciosamente. Era evidente por sua roupa e por seu discurso que ele era de berço nobre. Seu acento não era tão profundo como muitos escoceses, mas estava ali.

-Todo mundo nas Highlands pertence a um clã

Ele se encolheu de ombros e lhe dedicou outro sorriso antes que ele aplaudisse o pescoço grande do Aled e reatasse a marcha. Pelo caminho ele evadiu de suas perguntas pelo que ela se deu conta que não era provável que lhe dissesse qualquer outra coisa, o qual fez a ela admirar-se por sua prudência em lhe permitir que a acompanhasse a sua casa.

Continuaram em silêncio, a batida dos cascos do cavalo na estrada de terra era o único som que se entremeteu na quietude da noite. Quando alcançaram à casa de campo de Isabelle, estava ansiosa por liberar-se dele e do medo que lhe produzia.

O medo e a excitação.

"Te cale", disse silenciosamente a si mesma. Justamente porque ela vivia uma vida aborrecida não significava que queria o tipo de excitação do Lucian.

"Como sabe? Poderia te agradar".

Isabelle duvidava seriamente de sua prudência. Era isso um sinal de que ela havia vivido muito tempo só o que falasse consigo mesma? E brigando consigo mesma?

Em todos os anos de trabalho no botequim, ela nunca tinha temido viver sozinha. Em uma só noite, isso tinha mudado. Sempre estaria oculto dentro de sua mente que alguém podia estar esperando-a, e daria mais razões ao Sr. e Sra. MacDonald para impulsioná-la a mudar-se ao povoado.

Ao menos se ela vivesse sobre o botequim, ela teria ao Sr. e senhora MacDonald para falar, o qual poderia salvar sua prudência. Mas, em realidade, ela não desejava viver sobre o botequim. Gostava de seu lar. Sobre tudo porque era o único lar que ela tinha conhecido toda sua vida, mas também porque ela tinha conhecido o amor dentro de suas paredes. Seus avôs tinham dado tudo a ela e se preocuparam incessantemente pelo que seria dela uma vez que eles faltassem. Isabelle nunca se preocupou muito, pensando que ela tinha um montão de tempo antes que tomasse a decisão sobre o que tinha que fazer. E logo a febre se declarou e tinha arrebatado a seus avôs com dias de diferença um do outro.

Antes que ela pudesse desmontar, Lucian estava ali para ajudá-la. Ele era um perfeito cavalheiro quando ele a colocou aos seus pés. Ela tentou ver mais de seu rosto, mas, de costas à lua, só sombra encontrou em seu olhar fixo.

Pelo caminho ele esperou pacientemente, ela sabia que ele desejava algo.

-Gostaria de dar água a seu cavalo? - ela ofereceu

Ele negou com a cabeça.

-Necessita aveia para seu cavalo?

Uma vez mais ele negou com a cabeça.

Ela não tratava de lhe pedir que entrasse. Sem importar o fato de que ele tinha salvado sua vida, era um estranho, perigoso e desconhecido para ela.

-Então o que é que você necessita? - ela perguntou, tentando ocultar a agitação de sua voz.

-Seu nome.

Ela se engasgou. Era algo tão pequeno o que ele perguntava, mas por alguma razão, ela não estava segura de que quisesse que ele soubesse. Ela percorreu com o olhar a terra entre eles antes de elevar seu olhar fixo de retorno a ele.

-Isabelle!

-Um belo nome para uma bela mulher.

-Gostaria de entrar para tomar chá? - Não podia acreditar que as palavras tinham saído de sua boca. Não se havia dito justamente que ela não iria convidar-lhe a entrar? Apesar de tudo, aqui estava ela.

Excitação. Reconhece que o deseja.

Um sorriso atirou de seus lábios, e ela teve o desejo de ver como se via ele à luz do dia.

-Próxima vez. - disse e saltou em cima de seus arreios.

Isabelle se mordeu os lábios enquanto o olhava partir. Ela não entendia porque desejava que ele se ficasse.

"Mas é um desconhecido," murmurou enquanto ela entrava em sua escura cabana.

Mas um desconhecido excitante.

Lucian apertou seus dentes. Tinha obstinado cada ponta de autocontrole que tinha para afastar-se de Isabelle a véspera passada. Tinha querido ficar e lhe dizer de tudo a ela, mas sabia que isso a teria assustado. Ela já se encontrou assustada depois do ataque dos homens, a conseqüência desse ataque ele tinha que ocultar-se outra vez nas sombras e vigiá-la.

Ele tinha passado o seguinte dia rastreando aos quatro homens que a tinham atacado para assegurar-se de que já não estavam no povoado. Depois que ele tinha permanecido perto de sua cabana e a seguir a tinha seguido ao pequeno povoado. Ele agora não correria riscos com sua vida, não depois de encontrá-la finalmente.

Seu estômago grunhiu, e com as horas que tinha por diante até que ela deixasse o botequim, sabia que precisava comer agora. Um sorriso lento se estendeu pelo seu rosto enquanto ele atava fora ao Aled e caminhava para o botequim.

A antecipação de ver sua consorte fez outra vez que sua mão se agitasse enquanto alcançava a porta. Empurrou abrindo a porta e se aspirou ao divino aroma da comida em cozimento. Uma olhada rápida ao redor do brilhante colorido do lugar mostrava alguns homens no balcão que bebiam enquanto que outros se sentavam nas mesas comendo e conversando.

Lucian encontrou uma mesa vazia perto da porta e se deslizou no assento. Seus olhos rastrearam o quarto até que divisou a Isabelle a andar daqui para lá, seus braços carregados com comidas para os clientes. Ela sorria facilmente aos donos e inclusive fez brincadeira a uns quantos.

Soube o momento em que ela o divisou. Seu corpo se sacudiu ligeiramente com força, e dedicou a ela um sorriso enquanto caminhava para ele.

-Boa noite - disse enquanto se aproximava lentamente.

Ela se engasgou e lambeu os lábios.

-Não esperava voltar a lhe ver.

Lucian teve que trocar forçosamente o olhar fixo de sua preciosa boca aos seus belos olhos de azul escuro.

-Disse-te ontem à noite que te veria outra vez.

-Sei, não pensei apenas o que queria dizer - disse brandamente.

Reclinou-se na cadeira e a olhou.

-Você ainda tem medo de mim.

Abriu sua boca para negá-lo, logo depois a fechou. Cravou os olhos nele um momento antes de dizer:

-Estou-o. Os estranhos sempre me põem nervosa.

-Contudo não somos mais estranhos. Apresentamo-nos a noite passada.

Um sorriso atirou de seus lábios.

-Você é tão correto. Não temos muito disso por aqui.

Ele amou como seus olhos brilharam travessamente quando ela brincou.

-Não sou tão correto.

Isabelle cravou os olhos no homem diante dela. Dizer que ele era bonito seria uma declaração comedida. O cabelo negro, grosso com ligeiras ondas, detinha-se justamente debaixo de seus ombros, com um cacho caindo perto de sua têmpora direita. Um aristocrático nariz estava de acordo com sua postura aristocrática. Uma mandíbula e queixo de linha firme, apenas uma sombra de barba e uns lábios cheios, com fino acabamento de um rosto com a que um escultor só poderia sonhar. Tinha uns olhos quase tão negros como seu cabelo, adornados com traços largos que teriam feito de um homem inferior ver-se feminino.

O silêncio aumentou entre eles até que ela se esclareceu voz.

-Você tem fome? Servimos uma das melhores comidas dos arredores.

-Estou esfomeado.

De certa forma ela soube que ele não se referia a sua fome de comida. Ela lambeu seus lábios, e os calafrios baixaram depressa por sua coluna vertebral quando seus olhos se posaram em sua boca. Frenesi.

Ela apartou a um lado seu subconsciente e trocou um pé pelo outro.

-O que estão servindo esta noite?

-A Senhora McDonald faz um excelente haggis (estômago de cordeiro recheado), mas também tem feito a uma grande panela de guisado que lhe fará a boca aguar.

A boca larga do Lucian arrastou um sorriso.

-Tomarei a sopa e a cerveja.

Isabelle inclinou a cabeça e girou para a cozinha. Ela se encontrou com que seus pés se apressavam para retornar com ele. Ela disse a si mesma que era porque ele era diferente aos homens do povoado, mas a verdade era… ele a excitava. Fazia tanto tempo desde que ela não encontrava nada excitante e por isso se girava a ele como as flores para o sol.

-Isabelle, moça, está tudo bem? - A Senhora McDonald disse enquanto Isabelle se apressava para a cozinha.

Isabelle quis rir. Ela não fazia nada bem quando Lucian estava por aí. Em lugar disso, ela alisou os fios do cabelo longe de seu rosto.

-Outro pedido de sua sopa, Mrs. McDonald.

-Ach, estou alegre eu fiz uma grande panela esta vez, entretanto temo que possa sair rápido de novo. - ela disse enquanto que ela tirava o delicioso guisado em uma tigela. -Me diga que é isso que tem feito que seu rosto brilhe intensamente.

Isabelle piscou.

-Perdão?

-Ouviu-me, moça. Posso ser velha, mas ainda lembro como era ter a um homem fixando-se em mim, especialmente quando estava interessada nesse homem.

Isabelle riu nervosamente.

-Senhora McDonald, espero que esteja falando do Sr. McDonald.

Ela piscou um olho enquanto dava Isabelle à tigela.

-É óbvio, moça, é obvio. Agora, - disse enquanto que ela caminhava para a porta. -assinale-me isso para que eu possa te dizer se ele é bastante bom para ti.

-Duvido que possa me dizer isso.

-Como é isso, querida? - Pergunto a Senhora McDonald.

Isabelle alcançou a porta e cravou os olhos no Lucian.

-Ele é novo no povoado.

-Ah, um desconhecido. A melhor classe de homem. - A Senhora McDonald apareceu e olhou ao redor da sala.

-É o homem moreno ao lado da porta. Vejo a maneira em que seus olhos registram a sala, como se ele estivesse procurando algo - ela se endireitou e olhou a Isabelle - ou a alguém.

Isabelle sorriu.

-Justamente porque ele acrescentou um pouco de excitação não significa nada.

-Faz-o se for o mesmo homem que te resgatou ontem à noite.

-É o mesmo homem.

A Senhora McDonald murmurou algo para si mesma e voltou a sua cozinha. Isabelle caminhou através do balcão do bar. Ela colocou a tigela de sopa e alcançou uma taça.

-Estamos ocupados esta noite. - o Sr. McDonald disse ao lado dela.

-Sim. Dormirei bem, isso é seguro.

-Quem é o desconhecido?

Ela sabia que o perguntaria. O Sr. McDonald sempre se certificava em conhecer quem visitava seu botequim.

-Lucian. É o homem que me salvou ontem à noite.

Sua cara enrugada se iluminou.

-Logo lhe dê a comida e a cerveja gratuitamente. Qualquer pessoa que põe sua vida em perigo para te ajudar merece nada menos.

Isabelle inclinou a cabeça e levou a tigela e a cerveja ao Lucian.

-Cheira delicioso. - disse enquanto levantava a colher.

-Você não estará desiludido. - disse e se voltou para ir-se.

-Poderia te acompanhar a casa esta noite?

Sua pergunta, dita brandamente, enviou uma quebra de onda de ânsia através dela. Ela se deu a volta lentamente para lhe fazer frente.

-Por quê?

Ergueu o rosto.

-Por quê? - Ele repetiu. -Pode ser que eu me preocupe com seu bem-estar?

-Pode ser que você quer aproveitar-se de mim? - Replicou ela.

Ele baixou sua colher e a olhou aos olhos.

-Se tivesse querido me aproveitar de ti, então poderia havê-lo feito a véspera passada.

Ela cruzou os braços sobre seu peito.

-Não sei.

-Não deve caminhar à casa só na escuridão. Inclusive te deixarei guardar minha adaga.

Isabelle ofegou. Ela se tinha esquecido totalmente devolvê-la ontem de noite, mas a tinha atada com uma correia a sua coxa.

-De acordo. Nós fechamos em um par de horas se quiseres esperar.

Ele inclinou a cabeça e tomou um pouco de guisado.

-Excelente, tal como disseram.

Durante o resto da noite Isabelle sentiu os olhos dele nela, isso não lhe importava. Nenhum homem em toda sua vida a tinha observado antes. Ele justamente não a contemplou, seus olhos a devoraram.

E gostava.

Quando finalmente começaram a fechar ela observou como Lucian tentava pagar ao Sr. McDonald. Depois de alguns minutos, Lucian deixou de tratar de pagar e guardou as moedas. Isabelle se encontrou apressando-se em acabar seus deveres assim que ela poderia estar com o Lucian de novo.

Lucian não podia esperar para caminhar com Isabelle a sua casa outra vez. Esta vez entraria se lhe convidava. Esta vez falaria quem era e de onde era. Justamente rezou para que estivesse disposta a escutar.

-Acabei. - ela disse enquanto colocava a última cadeira em cima da mesa.

Ele inclinou a cabeça.

-Fique aqui enquanto trago meu cavalo.

Quando ele retornou o senhor e a senhora McDonald estavam parados na porta com Isabelle.

-Obrigado outra vez pela deliciosa comida e a boa cerveja. - ele lhes disse.

-Queremos lhe agradecer o que fez com o incidente de nossa Isabelle. O senhor já sabe o que teria ocorrido se não tivesse estado ali. - disse a senhora McDonald.

Lucian rechaçou pensar nisso e em troca tendeu a mão ao Isabelle.

-Vamos?

Ela ondeou um adeus para os McDonald, e a levantou em cima de Aled antes que tomasse as rédeas e entrar na escuridão.

-Quanto tempo você estará aqui?

-Até que encontre o que vim buscar. - Sábia que essa não era a resposta que ela queria, mas não desejava falar de tais coisas até que pudesse encarar-se com ela.

-Mais repostas evasivas?

Sorriu abertamente na escuridão. Ela estava cheia de vida.

-Responderei a todas suas perguntas, mas não justamente agora.

-Suficientemente justo, suponho.

-Me fale sobre ti. - disse ele.

-Quanto tempo faz que trabalha para os McDonalds?

Escutou o sorriso na voz dela enquanto dizia:

-Comecei ajudando com trabalhos pequenos quando era menor e meus avôs estavam na aldeia. Mais tarde, quando era maior e me dava conta de que o dinheiro extra ajudava a meus avôs, comecei a trabalhar ali quando necessitavam ajuda. Faz ao redor de um ou dois anos que comecei a trabalhar diariamente. São muito bons comigo.

-Querem-lhe.

-Sim, sei e eu a eles. Eles são minha família agora.

Quis lhe perguntar a respeito de seus avôs e seus pais, mas decidiu esperar. De certa forma sabia que não era o momento correto para perguntar. Muito logo chegaram à cabana e se perguntou se lhe convidaria a entrar por chá de novo.

Deteve o Aled ao lado da porta e ajudou a Isabelle a baixar-se. Foi um sabor de êxtase poder tocá-la outra vez, mesmo que unicamente fora as mãos em sua cintura. Quando as mãos dela agarraram seus ombros para equilibrar-se pensou que ouviu uma inspiração bem definida, mas ato seguido compreendeu que devia haver imaginado.

-Obrigado por dar escolta a casa.

Lucian se inclinou de modo regiamente respeitoso.

-Foi um prazer.

-Gostaria de entrar para tomar chá?

Ele respirou profundamente, não se precavendo até esse momento de quanto tinha desejado que ela o pedisse.

-Eu gostaria. Deixe-me ver o Aled.

Isabelle exalou enquanto ele partia dando meia volta, logo se deu a volta e se apressou na escura casa de campo. Ela caminhou cegamente para a chaminé e precipitadamente acendeu o fogo. Ao momento teve a água no caldeirão e sobre o fogo, ela ouviu a porta abrir-se.

Ela se alisou com as mãos o vestido de noite tingido de marrom escuro. Os homens nunca a havia posto nervosa, mas com este determinado homem estava com os nervos à flor da pele, o fazia preocupar-se com coisas como se seu cabelo estava limpo ou se seu traje de noite se via bem nela. Ela não era uma excêntrica, nunca lhe tinha importado se os homens a notavam. Os homens em idade de casamento em seu diminuto povoado eram escassos. Tinha sabido durante anos que nunca encontraria a um homem com quem passar a vida e ter uma família.

Lentamente, deu-se a volta para fazer frente a seu salvador. Seus olhos viajaram do rosto até os largos ombros. Tragou enquanto que imaginava o que ele parecia sem essas finas roupas negras delas.

-É como se fosse da noite.

Seus olhos se estreitaram enquanto martelou sua cabeça. "Que merda diz?"

-Estás de negro, seu cabelo e olhos são negros, e inclusive seu cavalo é negro.

Um lado de sua boca se levantou em um sorriso.

-O que acontece se te digo que isso é exatamente o que sou?

-Posso ser uma camponesa, meu senhor, mas não sou uma parva. - disse enquanto que ela jogava mão do caldeirão. Não gostava de ser burlada.

Lucian apertou suas mãos em punhos enquanto a observava. Era tudo que ele poderia fazer para conversar com ela em vez de apertá-la contra ele e saborear seus lábios cheios.

Ele nunca tinha acreditado tudo o que lhe disse seu pai. Sim, sabia que reconheceria a sua companheira, mas nunca esperou sentir tal luxúria por ela. Tinha pensado que seu pai o disse de tal modo para lhe fazer as coisas mais fáceis.

Seus olhos percorreram sua forma magra, uma forma que ele olhou de longe durante muito tempo. Agora que estava tão perto dele, devorava a visão dela com seu manchado, plano vestido aos seus largos dedos que agarravam o cabo do caldeirão ao perfil de seu rosto, um rosto que não era mais de uma camponesa do que era ele, com suas bochechas de ossos altos e o queixo obstinado.

Quando ela trocou de direção e lhe deu uma xícara de chá, investigou os olhos de um azul escuro e desejando poder dizer tudo a ela sem o medo de sua escapada.

-O que é isso? - Ela perguntou sua frente ligeiramente sulcada enquanto cravava os olhos nele.

Sua pergunta arrancou seu olhar fixo de sua boca, uma boca de um rosado mais escuro, ampla e tentadora.

-Nada. - disse enquanto ele aceitava a xícara e se sentava à mesa pequena.

-Viveste sempre aqui?

Ela inclinou a cabeça enquanto servia sua própria xícara.

-É o único lugar que conheci sempre e conhecerei toda minha vida.

Ele tomou a bebida, assombrado por encontrar que realmente gostava da beberagem.

-É feliz aqui?

Riu enquanto se unia a ele na mesa.

-Que pergunta tão estranha.

-Não tão estranho.

-Gosta aonde vive?

Lucian suspirou quando recordou sua bela casa, uma casa chamando-o a gritos agora mesmo.

-Não, eu não gosto. Eu adoro. É um lugar maravilhoso, e o lugar mais belo que jamais vi. As pessoas são amigáveis, o jogo abundante, e a cidade próspera.

Ela sorriu tristemente enquanto colocava o queixo em sua mão.

-Eu gostaria de ver tal lugar.

A respiração do Lucian se entupiu em sua garganta.

-Então te levarei lá.

Ela inclinou a cabeça para um lado e lhe olhou atentamente enquanto lhe dava um sorriso indulgente.

-Se ama tanto esse lugar, por que partiu?

-Tinha-o que fazer. - disse enquanto percorria com o olhar a xícara. -Estou procurando a alguém.

Desviou seus olhos azuis dele e bebeu.

-Procurou bastante?

-Quase dois invernos.

-Deve ser alguém de muita importância.

-Ela é.

Seus olhos voaram para cima para encontrar-se com os dele, e por um momento Lucian pensou que ela poderia lhe perguntar a quem procurava. Em lugar disso, levantou sua xícara e tomou outro gole. Sua paciência estava a ponto de secar-se. Mas, ele recordou as palavras que seu pai lhe havia dito.

"Vá lentamente, filho. Não apresse a sua consorte. Tem que dar-se conta da verdade por si mesma. Trazê-la aqui contra sua vontade é pior que jamais encontrá-la."

Ainda, a lembrança das palavras de seu pai não deteve a impaciência como era o usual fazer. Agora que Isabelle estava aqui com ele, queria voltar depressa para o Drahcir, convencendo-a de passagem simplesmente quem era ela. Mas não acreditaria nele, e finalmente falharia, enviando a sua amada à ruína.

-Onde estão seus pais? - perguntou-lhe, precisando desviar a mente da busca por um momento.

-Criei-me com meus avôs que morreram o último inverno. Minha mãe morreu me dando a luz.

-Sinto muito. E seu pai?

Ela se encolheu de ombros.

-Nunca lhe encontrei. E sua família?

-Ambos ainda vivem. Esperam impacientemente minha volta.

-E suponho que você não pode retornar até que encontre a quem você procura. – Ele cabeceou, ela continuou. -É sua irmã então?

Lucian riu.

-Não tenho nenhuma irmã. Somente três irmãos. Um mais velho e dois mais jovens.

Sua respiração se obstruiu quando ela fechou os olhos e sorriu.

-Ter irmãos. É algo que sempre quis. - Ela abriu seus olhos azuis e lhe olhou. -Ama a seus irmãos?

-Muitíssimo. Morreríamos por cada um.

Ela percorreu com seu dedo o bordo da xícara.

-Seu povo e sua família soam quase como um sonho. Alguma vez brigam?

Lucian riu longamente, recordando as muitas e diversas discussões.

-Ruidosamente e freqüentemente. É o que os irmãos fazem.

-Quanto tempo mais procurará você antes que retorne a esse lugar divino?

Lucian a vigiou estreitamente. Sabia que tinha que ganhar sua confiança, era o único que o mantinha em seu lado da mesa.

-Tenho outra estação antes que deva retornar.

-O que ocorrerá se você não encontrar a esta mulher?

-Essa não é uma opção que considere. - respondeu antes que sorvesse o chá.

Olhou para as mãos dela. Uma sustentava a xícara, e a outra estava perto de sua mão. Ele a alcançou e cobriu a mão com a dele. Seu fixo olhar encaixou-se com a dele, mas não a apartou.

-Não tem nada que te mantenha aqui. Venha. Volta comigo para minha casa. - ele urgiu.

-Por quê? - Ela perguntou, com sua frente atada. -Entretanto não lhe conheço, e o que há a respeito da mulher você procura?

Tudo, a família do Lucian e o reino mesmo, dependeram de suas seguintes palavras.

-Encontrei-a.

Capítulo Dois

Isabelle não sabia o que foi o que a obrigou a perguntar pela mulher, mas necessitava de algum jeito saber. Mas foi o convite de voltar com o Lucian o que manteve tal promessa pelo qual ela a contemplou seriamente. Depois de tudo, o que a mantinha nesta minúscula aldeia escocesa?

Nada. Com seus avôs mortos, a única coisa que tinha que esperar com ilusão era trabalhar no botequim. Para dar-se mais tempo para pensar, ela disse:

-Ainda não me disse onde está este lugar maravilhoso.

Ele sorriu e se inclinou sua cadeira pra trás, cruzando os braços sobre seu amplo peito.

—Profundamente nas montanhas do Ben Nevis.

-Agora sei que está brincando. - disse enquanto terminava de rir. - Não há nada nessas montanhas a não serem animais selvagens, neve, e gelo.

Em vez de discutir com ela, continuou sorrindo.

-Mas o que ocorreria se eu estivesse com a razão?

-Nada pode sobreviver nessas montanhas.

Ele se inclinou para frente e colocou suas mãos em cima das dela outra vez. Por um momento, o tempo parou enquanto olhava em seus escuros olhos e um pouco além deles. Assim, logo que veio, desapareceu, deixando-a deslumbrada, mas desejando experimentá-lo outra vez.

-Crê em magia? - Perguntou tão sobriamente que ela soube que falava a sério.

-Magia? Não.

Franziu o cenho e se recostou, soltando suas mãos.

-Isso é uma lástima, Isabelle.

Amou a maneira que seu nome saiu de seus lábios. Quem teria pensado que seu nome poderia soar tão maravilhoso. Tão sensual e atraente. Tão estranho que justamente o som de seu nome em seus lábios a fez contemplar coisas que nunca sonharia fazendo de outra maneira, as coisas que fizeram que seu sangue se esquentasse e seu coração saltar-se de repente.

Tentou recuperar certa calma, ela se levantou e olhou para a chaminé. Ou o homem que estava em sua cabana estava louco e necessitava que o depositassem em algum lugar seguro, ou lhe dizia a verdade.

-Você quer acreditar em mim. - disse-lhe perto da orelha, sua respiração quente escovou a nuca de seu pescoço.

Não tinha nem idéia de quando se levantou de sua cadeira, pois ela não o tinha ouvido. Os calafrios percorreram sua espinha dorsal com suas palavras… porque era a verdade. Ela tinha sonhado sempre quando era uma pequena moça que haveria mais em sua vida. Seus sonhos mesmo assim até agora se referia a fingir que ela seria resgatada e feita uma princesa.

-Me deixe que considere a possibilidade.

Ela fechou seus olhos e permitiu imaginar-se em um lugar como o que ele havia descrito e, para seu assombro, pôde visualizá-lo claramente.

-Eu não pertencerei ali. - ela murmurou.

Sua voz, alisada e suave, respondeu:

-Você não pertence aqui.

Seus olhos se abriram, e se deu a volta para encontrar seu corpo quase esfregando o seu. Ela inalou e respirou o aroma do pinheiro, do sândalo, e do couro. Era uma mescla embriagadora combinada com um homem de tão boa e notável aparência como Lucian.

Repentinamente, ela se encontrou desejando que o que disse ele era verdade. Estava cansada de estar sozinha, de não ter a ninguém salvo a si mesma quando voltava para casa. Como desejava ardentemente recostar-se contra dele e lhe dar todos seus problemas.

Não obstante, essa não era a realidade. A realidade era o que estava ao redor dela.

-Tomarei ao raiar do dia. Não precisa trabalhar mais em um botequim de novo ou desejar algo.

Ela riu e se afastou dele somente para fazer que amavelmente a trouxesse de volta, só esta vez, ele deixou seu braço ao redor dela. Houve algo de em seus olhos que disseram a ela que não brincava, que rogava silenciosamente para que acreditasse nele e lhe desse uma oportunidade.

Esse algo atirou de seu coração, recordando sua infância e os sonhos imaginários que ela tinha tido. Mas sua mente recusou permitir que seu coração governasse. Ela era adulta agora, com responsabilidades que asseguravam que ela tivesse comida em sua barriga. Os sonhos estavam para a gente jovem e inocente.

-Por quê? Apenas me encontrou. Você não sabe nada de mim.

-Você é a mulher que estou procurando, a mulher que não posso deixar aqui.

Suas palavras enviaram um chiado à consciência através dela. Ele baixou sua cabeça para ela, mas o pensamento que vinha dele nunca chegou a sua mente. Seus olhos hipnóticos a manteve enfeitiçada. Ela levantou as mãos ao seu peito, dizendo-se que era para manter o equilíbrio, mas realmente foi porque ela desejava senti-lo. Inclusive contra o frescor do colete de couro sob suas mãos, ela sentiu o calor dele.

-Me acredite. - murmurou momento antes que seus lábios tocassem os dela.

Seus lábios foram suaves, mas insistentes enquanto mordiscavam e beijava sua boca. Ela gemeu brandamente enquanto lhe deixava guiá-la contra de seu corpo e seus braços se envolviam firmemente ao redor dela.

Os beijos se voltaram mais urgentes, mais profundos com cada sabor, e Isabelle se sentia despertar, lentamente… completamente. O fogo começou a arder, e seu corpo tremeu com mais ânsia por Lucian.

Inclusive suas mãos queriam mais dele conforme vagaram pelo amplo peito, os largos ombros e em seu escuro cabelo sedoso. Quando sua língua varreu rapidamente a boca, ela suspirou enquanto um frenesi de pura paixão e excitação correu através dela.

Nesse momento de prazer delicioso, lhe teria devotado algo.

Lucian soube que não podia continuar beijando-a conforme estava e manter-se controlado. Estava ainda assombrado por encontrar que a desejava tanto como o fez, contudo “desejar” era suave comparado a como ele se sentia de verdade.

Ele terminou o beijo e sorriu quando ouviu seu gemido de irritação. Com suas mãos, ele penteou para trás as mechas de cabelo que lhe tinham soltado da trança e inclinou a cabeça até ele.

-Sei que sentiu o que fiz. - ele disse.

Ela se lambeu os lábios inchados, enviando-o a ele quase a seus joelhos com necessidade.

-OH, sim. - ela esteve de acordo. -Senti-o.

Lucian tratou de controlar sua alvoroçada respiração.

-Logo também sente a conexão entre nós.

Conteve o fôlego enquanto registrava em sua cabeça as palavras.

Durantes vários pulsados, ela não falou. Ele temeu que tivesse ido muito longe, disse muito antes de tempo e que a tivesse perdido para sempre. Mas não era simplesmente o medo de perder sua casa e enviar ao reino a um nada, não ia ser capaz de estar com Isabelle igualmente. Entretanto tinha vindo justamente para conhecê-la, sentiu como se a tivesse conhecido toda a vida.

Quando ela saiu de seus braços, ele fechou hermeticamente a mandíbula para manter-se silencioso e deixá-la pensar. Não estava em sua natureza ter paciência, mas estava em jogo aqui algo mais que seu orgulho.

-Eu sinto algo. - ela finalmente disse.

Ele suspirou com alívio, mas viu um pingo de duvida nela que dizia que estava longe de estar convencida. Como podia lhe dizer que uma vez que se encontraram um ao outro, para sempre desejariam um ao outro, somente juntos seriam um tudo?

Ela passeou ao redor da pequena cozinha esfregando o pescoço.

-Não sei quem você é.

Era tempo, ele se precaveu. Depois de uma profunda respiração, afundou-se em uma cadeira e dobrou as mãos sobre o estômago enquanto a olhava.

-Logo lhe direi isso. Tudo isso.

-Realmente? - Ela perguntou sua frente levantada. -Então, comece. Por favor. - disse e tomou a cadeira em frente a ele.

-Sou um príncipe do Drahcir.

Seus lábios se aplanaram, e negou com a cabeça.

-Nunca ouvi falar disso. Pensei que disse que era das Montanhas do Ben Nevis.

Isto ia ser mais difícil do que pensava.

-Sou-o. Nunca ouviste falar do reino porque está oculto do mundo.

-Por quê?

-Porque é um lugar especial, um lugar que não se pode abrir justamente para qualquer pessoa. O que o faz especial é a gente que reside ali. Se os outros reis, senhores e mercenários encontram meu lar, o reino será invadido com as piores classes de pessoas.

-E expulsarão a sua gente, deixando Drahcir à mesma gente da que se oculta. - ela acabou.

-Não ocultando exatamente. - ele disse. -O reino existiu durante séculos. Não foi oculto a propósito, mas sua localização a faz difícil de conseguir e a mantém oculta.

Ela inclinou a cabeça.

-Isso o faz razoavelmente, suponho. Ainda, há mais, sim?

-Minha família, os Sinclair's, sempre dirigiram o reino. Entretanto, havia um de nós que foi muito longe.

Isabelle riu longamente.

-Qual rei se zangou?

Lucian tragou e apartou o olhar.

-Não um rei. Uma princesa.

Ela se inclinou para frente ansiosamente.

-Não me deixe esperando. Amo um bom conto.

-Ela era uma princesa do Fae.

Isabelle riu e logo se deu conta de que Lucian não se uniu a ela. Seu sorriso se desvaneceu, e ela se reclinou em sua cadeira.

-Uma Fae?

-Sim. - ele disse a sério. - Eles existem.

Isto era muito para que Isabelle acreditasse. Primeiro, um reino escondido e agora o Fae. Mas, por muito que ela dissesse a si mesma que se levantasse e que saísse, ela não o poderia fazê-lo. Tudo a respeito dele a cativava, mas o conto, tão caprichoso como suas melhores fantasias, impulsionava-a a descobrir mais.

Depois de um momento, Lucian continuou com seu conto.

-A princesa e meu antepassado se apaixonaram, ou assim é o que a Fae pensou. Na verdade, meu antepassado simplesmente salpicou para ver se ele poderia.

-Não foi um gesto muito nobre. - ela murmurou.

-Verdade. Não tinha nem idéia das conseqüências de suas ações até depois. Uma vez que a princesa descobriu sua traição, ela amaldiçoou nosso reino até que o dia em que este mundo já não exista.

Isabelle encontrou seu olhar fixo no Lucian e a tristeza em seus olhos negros. Até se não acreditou, o qual ela não estava segura disso, ele acreditava nisso.

Cada palavra.

-E a maldição? - Ela perguntou. -O que é?

-Cada príncipe e cada princesa do Drahcir devem encontrar a seus consortes e devem retornar com eles por um tempo designado. Se inclusive um enguiço, então o reino desaparecerá. Para toda eternidade.

Seu coração martelou no peito enquanto ela repetia suas palavras na cabeça. O consorte. O consorte. Retornar a Drahcir. Deixar de existir. O consorte. Lentamente, seu olhar fixo se encontrou com o seu e viu a verdade em seus olhos.

- Como sei que o que você esta dizendo é a verdade?

-Vêem aqui. - ele disse e lhe tendeu a mão.

Ela se levantou e tomou a mão. Puxou-a seu regaço e embalou sua cabeça com a mão.

-Conhece a verdade. - ele murmurou um momento antes que sua boca caísse sobre a dela.

Em seu doce beijo, que intoxicava, Isabelle se deixou levar. Logo viu a verdade de suas palavras e seu vínculo, um vínculo que foi forjado épocas atrás, um vínculo que inclusive a morte não poderia romper.

Seu sangue acalorado se reunia entre as pernas, enviando um fogo através dela. Ela apertou as pernas em um intento por terminar a pressão cada vez maior, mas o movimento só causou uma onda de deleite que se lançava através dela. Seus mamilos se endureceram, e os peitos se incharam enquanto ela esperava com ilusão que suas mãos se movessem sobre seu corpo.

Ela sabia que era má por querer seu toque, seu beijo, mas seu corpo estava tão próximo à febre enquanto desejava ardentemente mais dele. E isso a assustou. Esta vez ela terminou com o beijo e voltou o olhar a ele.

-Como me encontrou?

Ele sorriu e percorreu com um dedo sua bochecha.

-Embora a princesa nos amaldiçoasse, uma Fae teve piedade de nós e nos deu a habilidade para ver nossos consortes por uma aura. A tua é especialmente brilhante.

Devolveu-lhe o sorriso e percorreu com as mãos através de seu sedoso cabelo.

-Uma aura? O que é isso exatamente?

-É uma luz especial ao redor de ti.

-E o que faz?

-Além de me mostrar quem é? Pouco.

Seu corpo pulsou com necessidade, e ela apertou as pernas outra vez e quase suspirou pelo prazer que causou.

-Então não tem valor. - ela disse.

-Nunca. - ele murmurou e se apoiou perto do pescoço.

No momento em que ela pensou que a gracejaria, sua língua picante serpenteou fora e a lambeu, deixando um rastro de desejo quente, úmido através da pele.

Seu sexo pulsou, e sua mente se esqueceu de todos menos do homem ante ela. Ela inspirou seu perfume exótico e se perguntou se ele sabia como aliviar a dor dentro dela. Nenhum homem a havia feito meio doida antes, mas agora ela o desejou, mais ainda sentiu nostalgia, pelo toque do Lucian.

Ela se lambeu os lábios e tratou de concentrar-se na conversação.

-Tudo o que teve que fazer foi andar em busca de uma aura?

-Hmmm. - ele murmurou enquanto acariciava com o nariz a pele de detrás da orelha.

-Não é isso suficientemente?

-Mais que suficiente.

Ele se moveu para trás para olhá-la.

-Então retornará comigo?

Isabelle viu a dúvida e a preocupação refletida nas profundidades escuras de seus olhos. Jogou uma olhada ao redor da pequena casa de campo antes de retornar seu olhar fixo ao Lucian.

-Como disse, não há nada que me retém aqui.

Por um momento ela se preocupou se estava fazendo o correto, depois o desejo que corria através dela a fez recordar que nenhum outro homem a tinha feito sentir assim de… especial ou querida antes.

Ele sorriu e a puxou contra o peito.

- Juro que não lamentará sua decisão.

Esta vez seu beijo foi possessivo, exigente e erótico. Prendeu fogo em seu sangue e a chamuscou pela intensidade. Seu corpo demandou mais de seu toque. Um momento antes estava sentada em seu regaço, e no seguinte eles estavam na cama pequena, seu delicioso peso em cima dela.

Sua boca empreendeu um rastro de beijos debaixo de sua garganta até o pescoço. As sensações deliciosas ondearam através de seu corpo com cada toque, cada beijo dele. Era como se ele soubesse exatamente como tocá-la. E onde tocá-la.

Em certa forma seu traje de noite tinha sido tirado, deixando-a só com a regata, as meias, e os sapatos. Com um golpe de seus pés, Isabelle chutou fora os velhos e andrajosos sapatos e recostou a cabeça para trás, desta maneira a boca do Lucian poderia continuar fazendo-a coisas malvadas, encantadas a ela.

Seu corpo não parecia o dela. Nunca em sua correta mente permitiria a um homem estranho que entrasse em sua casa de noite, sem mencionar em sua cama. Ainda, parecia-lhe correto com o Lucian, quase como se tivesse estado destinado.

Ele se levantou e se ajoelhou a seu lado enquanto seus olhos vagaram por seu corpo. Seus mamilos se enrugaram e endureceram sob o fixo olhar. Os peitos cresceram pesados e cheios como se aguardassem tão ansiosamente por seu toque como o resto dela fizesse.

Como se soubesse exatamente o que ela queria, as mãos cavaram seu peito e enrolaram um mamilo entre os dedos. As chamas do desejo se renderam nela, devorando seu corpo já muito quente sob as chamas. Os dedos apertaram os mamilos até que o prazer velado com dor e sentiu a umidade correr entre suas pernas.

E logo suas mãos se foram. Ela abriu os olhos para lhe ver agarrar sua regata pelo pescoço com ambas as mãos, depois com um puxão, rasgou-o em dois. Agora as únicas coisas defendendo-a eram as meias grossas de lã.

Lucian inalou profundamente enquanto olhava fixamente quão perfeita era sua consorte. Era gloriosa. Os peitos eram grandes, mas não muitos grandes que transbordassem suas mãos. A

cintura estreita, quadris largos, e largas pernas e magras, como foi pedido para enrolar-se ao redor de sua cintura enquanto empurrava dentro dela.

Seu corpo tremeu de necessidade por sepultar-se nela, e a resposta a seu toque quase tinha feito derramar-se a si mesmo várias vezes. Ele alcançou uma perna e a levantou para ele e colocou o calcanhar no ombro. Logo ele a elevou acima e lhe rodou a meia de lã da perna. Ele atirou a meia sobre o ombro e amavelmente colocou a perna na cama antes que ele alcançasse a outra e repetisse o processo.

Uma vez que ela esteve completamente exposta a ele, separou as pernas e olhou seu sexo inchado e palpitante. Percorreu com um dedo agilmente entre a pele que unia sua coxa e o cacho que escondida seu sexo.

Ela suspirou e se abriu a si mesma mais. Lucian sorriu abertamente e repetiu o gesto ao outro lado. Suas mãos tocaram repetidas vezes perto de seu sexo, mas nunca aonde doía mais. Uns momentos mais tarde ela se movia agitadamente na cama gemendo seu nome e mendigando sua liberação.

Lucian a tinha simplesmente onde a queria.

Ele desviou sua masculinidade que se pôs dolorosamente dura enquanto tirava o sarro a Isabelle. Suas mãos ansiaram afundar em sua alma. Ela estava pronta para ele, e ele estava mais que preparado para ela.

Logo seu dedo agilmente roçou seu clitóris inchado. Ela elevou a voz e agarrou as cobertas em seu punho enquanto suas costas se arqueavam. Lucian repetiu o movimento, mas esta vez formou redemoinhos com o dedo ao redor da vulva antes de inundar um dedo na capa molhada.

Foi tortura pura para ele se abster de tirar suas roupas e lançar-se sobre ela, mas seu controle se estava rapidamente escapando com cada gemido e grito de assombro que vinha de sua preciosa boca.

Ele se apoiou acima e se levou o mamilo duro à boca e enrolou sua língua sobre o pico endurecido. Ela gemeu e moveu os quadris contra sua mão. Ele deslizou outro dedo no interior dela, estirando sua vagina apertada.

Isabelle sabia que ia se derreter de um momento a outro. As sensações que proliferavam através dela tinham a seu corpo subindo vertiginosamente em um frenesi de desejo e paixão. Cada lamento, cada toque, cada sabor de Lucian a tinha ofegando por mais. Ela nunca esteve inteirada de que podia sentir tanta emoção, e ela nunca estaria disposta a pará-lo.

Ela amou a sensação de seus dedos dentro dela, mas quis mais dele, tudo dele. Sua respiração se fechou na garganta quando as mãos encontraram seus peitos outra vez. Os peritos dedos deram um puxão e beliscaram os doloridos mamilos até que ela esteve aturdida pela agonia.

Logo a língua picante substituiu os dedos. Ele começou amamentar e lamber os mamilos, trazendo-a para um ponto onde lhe necessitou profundamente em seu interior. Quando ela abriu os olhos e lhe encontrou deleitando-se com seus peitos, seu estômago se apertou com força, e seu sexo pulsou profundamente em seu interior.

Vendo-o em seu peito era desse modo erótico que ela estava querendo explorá-lo como ele tinha feito com ela. Com grande esforço, ela moveu as mãos e levantou sua cabeça. Seus olhos negros estavam ardentes pelo desejo enquanto a contemplava.

-Meu turno. - ela disse enquanto lhe empurrava para levantar-se.

Seus dedos beliscaram o mamilo outra vez, e sentiu um momento de arrependimento até que ele se tirou o colete de couro negro. O pescoço da túnica caiu rapidamente lhe dando uma vista ampla de seu peito, esculpido.

Ela se moveu para ele sobre os joelhos e tratou de alcançar a túnica. Lentamente, ela devorou o objeto perto da estreita calça escocesa e a levantou sobre a cabeça antes que a lançasse descuidadamente ao chão.

Sua respiração ficou apanhada em sua garganta antes o espécime. Ele não estava simplesmente definido, os músculos ondeavam e resplandeciam como bronze à luz do fogo. Sua mão se estendeu e tocou sua carne quente. Um chiado de apreciação passou através dela. Levantou o olhar para o Lucian e lhe encontrou olhando-a.

-É como se meu corpo já te conhecesse. - ela murmurou.

-Porque o faz.

Ela tragou, não segura de que pudesse realmente compreender justamente o que lhe estava ocorrendo. Antes que ele pudesse dizer mais, ela se inclinou para frente e pôs um beijo na clavícula. A rápida inspiração a fez sorrir. Não tinha nem idéia do que, nunca tinha estado com um homem antes, mas seu corpo parecia saber exatamente o que desejava.

Enquanto ela repartia beijos com o passar do pescoço e dos ombros, suas mãos vagaram a vontade pelo grosso peito para a estreita cintura até os avultados braços. E nem uma vez Lucian a deteve.

Nem mesmo quando ela tratou de alcançar os cordões da estreita calça escocesa. Antes nunca se havia sentido assim sem controle, e ela o amou. Quando se levantou para tirar as botas e a estreita calça, ela se reclinou na cama lhe olhando cada deliciosa polegada dele revelado para ela.

Quando ele permaneceu de pé tão nu como ela, ela inalou o fôlego diante da longitude e a largura dele que se abriria caminho entre seu hímen.

-Nunca tiveste um amante. - ele disse.

Ela ouviu a excitação na voz enquanto negava com a cabeça.

Ele se apoiou abaixo até que as mãos estiveram de cada lado dela e o rosto a meras polegadas da dela.

-Bem. - disse pouco antes que reclamasse um beijo que curvou os dedos dos pés dela e lhe prometeu prazeres que só tinha sonhado.

O beijo a consumiu de tudo ao mesmo tempo em que a vida surgia dentro dela, crescendo e consumindo-a até o que ela tinha em mente, interessada só em Lucian e o fogo que ele tinha começado em seu corpo.

Os braços serpentearam ao redor do pescoço enquanto ela cedia ao beijo, distanciando-se de cada dúvida que teve dele e de suas histórias. Sua masculinidade se pressionou no estômago, a grossa longitude, dura trazendo para a memória justamente o que desejava ardentemente seu corpo.

Ainda, Lucian não permitiu a ela esse prazer. Em lugar disso, trouxe seu corpo de novo ao pico frenético com apenas os dedos e a boca.

Esta vez a boca encontrou seu sexo. Isabelle quase se desprendeu da cama quando a boca esteve ao bordo de seu sexo. O grito de prazer morreu na garganta enquanto ondas e mais ondas de prazer rodava através dela. Tudo o que ela podia fazer era esperar como Lucian mantinha seu maravilhoso assalto, seu prazer crescia com cada respiração.

E no momento em que esteve a ponto de alcançar o topo… ele se deteve.

-Não. - ela chorou e tratou de alcançá-lo.

-Te acalme, amor. - ele murmurou perto de sua orelha.

E logo ela sentiu a ponta de sua masculinidade entrando nela. Abriu as pernas mais amplamente, ansiosa por sentir a plenitude, enchendo-a, estirando-a completando-a.

Avançando lentamente perto da agonia avançou dando um empurrão nela. Isabelle envolveu com as pernas ao redor de sua cintura apressando-o, mas a ignorou. Quando alcançou seu hímen, ele se deteve e alternou os quadris.

Isabelle suspirou e suas mãos baixaram rapidamente aos braços.

-Necessito-te. Preciso te sentir para dentro de mim.

Ele respondeu movendo os quadris outra vez, oscilando amavelmente dentro dela. Ela sabia que não estava com acréscimo embainhado, mas as sensações que os movimentos causaram foram muito boas para lhe deter. Isabelle se encontrou elevando-se à cúpula do apogeu outra vez. Esta vez não ia deixar ao Lucian deter-se. Desejava-lhe como nunca tinha desejado algo em sua vida.

Arrancou-se dela e esfregou a ponta de sua masculinidade em seu inchado sexo, incitando o seu corpo já tremente. Dentro e fora manteve a tortura até que seu corpo facilmente aceitasse a ele. Neste momento Isabelle estava ao bordo. Seu corpo tremia de antecipação, e para seu alívio, a próxima vez Lucian entrou nela, perfurando o hímen. A dor foi rápida e fugaz. Sua condição de despertar rapidamente tinha empurrado a um lado todo com exceção da sensação dele profundamente dentro dela.

-Meu deus. - Lucian murmurou com temor.

Isabelle silenciosamente esteve de acordo. Seus quadris oscilaram contra as dele, e ele rapidamente encontrou um ritmo. Somente uns momentos mais tarde, o corpo de Isabelle estalou com o primeiro clímax enquanto ondas sobre ondas de puro prazer pulsavam através dela.

Lucian observou com assombro como o corpo de Isabelle se agarrava com força ao redor dele. Os olhos estavam aturdidos com prazer e excitação. Sabendo que lhe tinha dado isso se permitiu ceder a seu próprio desejo. Bombeou mais rápido, mais duro, e sentindo seu próprio corpo vindo rapidamente.

Não estava preparado a acabar ainda com o delicioso prazer que lhe percorria. Inclusive quando o corpo de Isabelle deixou de apertar-se ao redor dele, ela levantou seus quadris e se impulsionou enquanto se mergulhava nela.

O suor brilhava em seu corpo enquanto o prazer se fortalecia. Quando soube que estava a ponto de ceder ao desejo, deteve-se e se inclinou abaixo para amamentar-se com os amadurecidos peitos. Os suspiros se converteram em gemidos, e os quadris começaram a mover-se contra ele.

Ele teve que se deter de mover-se a menos que derramasse sua semente antes do que estivesse preparado. E ele não estava perto de acabar com ela ainda.

Lucian se arrastou fora dela o suficiente para mover a Isabelle até que esteve tendida lateralmente sobre a cama. Ele estava de pé ao lado e levantou as pernas até que se envolveram ao redor de sua cintura e logo lentamente se introduziu nela outra vez. Quando ele esteve sentado completamente, devorou-a contra ele até que só as costas descansaram sobre a cama enquanto que começava a empurrar profundamente em seu interior.

Ele sabia que por ser esta sua primeira vez não encontraria provavelmente o prazer duas vezes, mas ele ia certificar se de que desfrutasse do acoplamento. Ele apoiou uma mão em seu estômago e deixou que seu polegar encontrasse seu sexo sepultando-o profundamente nos cachos escuros. Ele deixou de empurrar e lentamente rodeou seus clitóris com o polegar. Profundamente no interior dela sentiu como sua vagina se fechava fortemente sobre ele.

Ela elevou a voz e moveu seus quadris, mendigando mais. Lucian não ia negar se a ela. Ele começou a mover o polegar para frente e sobre seu inchado clitóris enquanto começava se a mover até que seus gemidos se converteram em gritos. Ele começou a empurrar mais rápido,

mais duro sabendo que estava ao bordo de seu próprio orgasmo e todo o momento manuseando seu sexo com os dedos.

No momento em que pensou que culminaria seu próprio prazer sem ela, ouviu a Isabelle elevar a voz. Ele sorriu ao saber que a tinha levado clímax outra vez, e antes do dele. Quando seu orgasmo o reclamou, sepultou-se profundamente até que tocou sua matriz. Então verteu sua semente nela, reclamando seu corpo, coração e alma.

Capítulo Três

Isabelle despertou com a mais assombrosa sensação de alegria. Abriu os olhos e se encontrou olhando fixamente o formoso rosto de Lucian enquanto dormia. Os raios de sol matutinos derramados através das gretas das portinhas, caíam através do rosto e do assombroso corpo.

Ela relembrou a noite anterior a ver se tinha remorso e teve o gosto de descobrir não havia nada. Quando ela começou a rodar sobre as costas sentiu a dor entre as pernas e sorriu. Ela se tinha descoberto a si mesma, permitiu-se fazer coisas que nunca tinha pensado que faria.

E havia se sentido maravilhosa. Lentamente, para não despertar ao Lucian, levantou-se da cama e divisou seu sangue. Seu sangue virgem. Ela se apressou a assear-se e encontrou uma regata nova antes de encontrar meias, traje de noite, e sapatos.

Ela ascendeu o fogo e pôs outra caldeira de água para esquentar enquanto caminhava fora para alimentar aos frangos e ao cavalo do Lucian, Aled.

O pequeno estábulo estava necessitado desesperadamente de reparação, algo que ela não podia fazer, nem ela podia empregar a alguém para que o reparasse para ela. A vida pobre que fazia trabalhando no botequim colocava comida em sua barriga, mas não a deixava com nada para economizar.

Sabia que era só questão de tempo antes que tivesse que abandonar o único lar que ela tinha conhecido e alugar o quarto pequeno do apartamento de cobertura do botequim. Não era que não gostasse do Sr. e a Senhora MacDonald, mas estava acostumada a ser sua própria proprietária e não responder a ninguém. Tudo se alteraria no momento ela estivesse de acordo em alugar o quarto. Mas, entretanto tinha que enfrentar-se com a realidade que se estava fechando sobre ela como um aríete golpeando a entrada do castelo.

Ela aplaudiu ao gigante cavalo negro do Lucian enquanto passava ao lado dele para conseguir a aveia. Depois de encher o cubo, colocou-o no posto e comprovou a água. A pesar do tamanho, era um companheiro amistoso, e ficou um momento para lhe acariciar.

Isso foi quando ela divisou a cadeira de montar do Lucian. Era muito incomum não só a cor, que era negro, mas também no desenho. Os símbolos eram os dos antigos Celtas que vagavam pela Escócia. Sua mão com vacilação se estendeu e tocou os símbolos. O calor se encontrou com as pontas dos dedos, e precipitadamente as sacudiu com força total. A magia.

Isabelle percorreu com o olhar ao redor dela. A palavra tinha sido murmurada em sua orelha como se alguém tivesse estado parado justo detrás dela. Estava apenas ela e Aled no estábulo. Ela tragou e se moveu longe da cadeira de montar para encontrar ao cavalo olhando-a fixamente, como se tratasse de dizer algo a ela.

O fixo olhar que não piscava a desestabilizou, e ela rapidamente correu do pesebre (espécie de gaveta onde se alimentam os animais) e fora do estábulo. Ela se apoiou contra o exterior do estábulo e tratou de frear seu coração da carreira. Seu olhar encontrou a casa de campo enquanto os pensamentos giravam ao misterioso homem dentro.

-Cometi um terrível equívoco. - ela sussurrou.

Lucian se deu a volta com um sorriso no rosto. Suas mãos registraram a cama atrás de Isabelle só que aparecia vazio. Abriu os olhos para encontrar o fogo acesso e um caldeirão de água diante para ferver.

Estirou os braços sobre a cabeça antes que ele balançasse suas pernas sobre a cama. Tinha tido a intenção de fazer o amor com ela outra vez esta manhã, mas sim se precaveu de que ela poderia estar um pouco dolorida depois da noite anterior. Enquanto tratava de alcançar as roupas, divisou as marcas nos braços.

Seu olhar se cravou nos símbolos negros que foram do cotovelo até o ombro - o mesmo símbolo que estava em sua cadeira de montar e nos braços de seus pais.

O símbolo significava que estava agora junto a Isabelle e ela a ele. Ele sabia que aconteceria, mas ao ver a marca em seu corpo significava que quase tinha completado a busca. Não tinha falhado a sua família ou sua gente. Quanto mais rápido ele voltasse quanto melhor, e significava precisavam sair esse dia.

Finalmente retornaria ao seu muito amado reino e a sua família. Lavou-se contente e pensou no sorriso de sua mãe e a brincadeira de seu pai que tinha a certeza que seguiria a sua volta. Enquanto vestia as calças podia muito bem imaginar aos três de seus irmãos esperando para burlar-se dele a respeito de ser o último em retornar ao Drahcir com sua companheira.

Justo quando acabou de vestir o colete de couro, um sorriso se deslizou. Algo estava mau. Isabelle estava assustada e ansiosa, como se ela estivesse correndo de algo. Lucian se lançou para a porta e a devorou abrindo-a para ver a Isabelle baixar correndo o caminho até o povo. Olhando ao redor e não divisando uma ameaça física se deu conta de que Isabelle corria dele. Por um momento ele não podia analisar por que repentinamente correria dele depois da noite que tinham compartilhado, mas não se permitiu mais que esse momento.

Ele foi para os estábulos e caminhou dentro para soltar os arreios. Lucian sujeitou a crina do cavalo e se balançou em cima de suas costas enquanto dava uma cotovelada ao Aled em uma carreira. Não tratou de agarrar a Isabelle, em lugar disso dirigiu o Aled diante dela.

-Devo ir ao botequim. - ela disse, não encontrando com seu olhar.

O coração do Lucian sentia como se tivesse sido rasgado do peito. Aonde se tinha desviado do bom caminho? Ela tinha estado de acordo em voltar com ele ontem de noite. Seus gritos de prazer lhe haviam dito que ela voluntariamente tomava sua semente e deu sua virgindade.

Então o que tinha acontecido?

-Por que corre de mim? Assusto-te? - Ele perguntou, rezando porque estivesse equivocado.

Lentamente seu olhar se elevou à altura dele.

-Sim, faz-o. Foi como se ontem à noite houvesse algum tipo de feitiço sobre mim, e esta manhã vi tudo como deveria ser.

-Quer dizer que não retornará comigo, que não crê em minhas palavras.

Ela negou com a cabeça e respaldou um passo.

Lucian se deslizou dos arreios.

-Acreditou em mim ontem à noite.

-Não era eu mesma ontem à noite.

-Então, lamenta a paixão entre nós.

Ela vacilou.

-Não. Nunca esperava experimentar algo similar em minha vida.

A marca no braço de Lucian começou a palpitar assinalando que o que Isabelle dizia era a verdade. Embora tenha gozado da paixão não deixaria seu lar.

-Há alguma coisa que possa te dizer para te convencer de que minhas palavras são a verdade? - ele perguntou.

-Não.

Ele se sentiu como se alguém acabasse de lhe cravar uma adaga no coração e tivesse retorcido a folha.

-Não fuja de mim. É seu lar. Irei. - ele disse e ficou em marcha para a casa.

Não houve necessidade de ver se Aled lhe seguia, pois sempre o fazia. Entretanto era difícil para o Lucian não olhar a Isabelle. Ele rezava para que ela retornasse à casa de campo assim ele poderia ter uma última oportunidade para convencê-la.

A mente do Lucian corria veloz com as possíveis alternativas para ele e para Isabelle, mas se ela se negasse ir para o Drahcir então não ficaria nada. Entrou no estábulo e agarrou a cadeira de montar. A mão limou os símbolos intrincados que se cinzelaram no couro. A ele e aos seus três irmãos tinha sido dada uma cadeira a cada um em seu décimos sextos verão. A cadeira de montar lhes recordava a respeito da maldição e justamente o que estava em perigo.

Trouxe a cadeira de montar para o Aled e começou a sujeitá-la. Fora da esquina de seu olho, ele divisou a Isabelle recostada na porta do estábulo lhe vigiando.

-Se minhas palavras e a paixão entre nós não lhe convenceram de que o que falo é a verdade, peço seu perdão.

-Por quê?

Suas mãos se acalmaram. Ele não quis dizer a ela, mas pareceu justo depois de compartilhar a noite e que agora os símbolos marcavam aos dois. Ele se deu volta para olhá-la.

-Não te disse complemente tudo a véspera passada porque abriguei a esperança de que o pretendia quando disse que retornaria comigo. Agora, não tenho eleição posto que compartilhamos nossos corpos. Não só meu reino deixa de existir se não voltar comigo, mas sim nunca encontrará a felicidade nos braços de outro homem.

Os olhos se aumentaram com suas palavras.

-Está tão louco que recorrerá a tais palavras odiosas justo porque mudei de idéia?

-Desejo que fosse tão simples como isso. Olhe seu braço esquerdo, Isabelle.

Ela levantou um grande suspiro e levou os braços sobre o peito.

-Não.

Lucian cabeceou e começou a tirar o colete de couro e a túnica.

-Olhe. - disse enquanto assinalava para o símbolo em seu braço esquerdo.

-Terá um também.

-Deve ter estado ali ontem à noite. - ela disse enquanto os braços caíam e a confusão arruinava seu rosto aflito.

Lucian odiou a dúvida e o medo nos belos olhos azuis.

-Tocou meu corpo. Diga-me isso, entretanto, se realmente quer sabê-lo, comprova seu braço.

Durante vários segundos ele e Isabelle se olharam fixamente aos olhos um ao outro. Silenciosamente, ele rezou para que ela olhasse e logo acreditasse. Isabelle não podia ficar mais parada. O símbolo no braço do Lucian fazia jogo com o que estava na cadeira de montar, os redemoinhos e as entrelaçadas uma cópia exata. Não queria olhar o braço justo por medo ao que encontraria. E o que faria se havia um símbolo que fazia jogo com o do Lucian? Estaria então de acordo em ir com ele?

Se suas palavras fossem certas e nunca encontraria a felicidade nos braços de outro homem, então significaria que passaria o resto de sua vida sozinha. Tudo por medo.

Antes que mudasse de idéia, entrou precipitadamente na casa de campo, dando um puxão brusco sobre a túnica enquanto andava. Com um feroz puxão, derrubou a camisola para comprovar o braço. Ficou sem fôlego e caiu em cima da cama quando viu a marca negra que subia em carreira do cotovelo até o ombro.

-Agora me crê? - Lucian perguntou da porta.

Lentamente subiu o olhar para ele.

-Como?

Lucian fechou a porta e sentou-se ao lado dela na cama.

-É nossa marca, uma marca que deixa a todo mundo saber que nossos companheiros verdadeiramente foram encontrados. Por mais que trate de negar isso, Isabelle, sua alma sabe a verdade.

Nunca tanta dúvida a encheu, nem mesmo quando seus avôs morreram e a deixaram sozinha. Não podia negar a marca de seu braço. Era como se sua alma estivesse marcada. De certo modo, isso é exatamente o que tinha feito. Não estava preparada para acreditar ou não em Lucian, mas aparentemente sua alma o fazia.

Se isto tivesse ocorrido a qualquer outro, então teria descartado a marca, dando qualquer número de explicações no que se refere a como a pôde ter aparecido. Mas este era seu próprio corpo. Ela conhecia seu corpo, e a marca, uma série de nós intrincados e quão espirais corriam a velocidade do braço até o ombro nunca tinham estado ali antes que ela se deu a Lucian.

Magia ou não, ela estava com toda segurança marcada. A pergunta era, desejava pôr à prova a possibilidade de que passaria o resto de sua vida sozinha? Embora se pudesse haver dito a si mesma que esperava estar sozinha, depois de uma noite com o Lucian, sabia que nunca se decidiria por uma solitária vida agora.

Ele se sentou pacientemente esperando a resposta. Ela sabia o que queria, mas sua apreensão a deteve com facilidade por consentir ir com ele. Ela abriu a boca para lhe dizer justo isso quando sua cabeça se sacudiu com força para cima e seu corpo se retesou.

-O que é isso? - Ela perguntou, mas ele deteve uma mão para fazer um alto a suas palavras.

Três segundos mais tarde, houve uma batida em sua porta.

-O Sr. MacDonald. - exclamou e rapidamente subiu a camisola e vestiu rapidamente seu traje de noite.

-Já devia estar no botequim.

-Te arrume. - Lucian disse e se levantou para ir à porta.

Enquanto Isabelle se apressava por ficar apresentável, ouviu a voz profunda do Lucian enquanto abria a porta.

-Posso-lhe ajudar?

-Ah... Ando procurando Isabelle. - o Sr. MacDonald disse, a incerteza soava em seu ruidoso tom.

-Ela estará conosco justo em um momento. - Lucian disse enquanto fechava a porta detrás dele e Mr. MacDonald.

Isabelle sorriu enquanto percorria com as mãos o agreste cabelo e se apurava por fazer uma trança para mantê-lo afastado do rosto. A curiosidade a venceu, e foi para a janela e olhou fixo aos homens através da greta das portinhas.

-Ela está bem? - O Sr. MacDonald perguntou.

-Está.

Os olhos do Sr. MacDonald se entrecerraram.

-Você não a danificou, não é assim? Eu poderia estar envelhecendo, mas ainda posso tombar a um homem se fosse necessário.

Para dar crédito ao Lucian, não riu na cara de Sr. MacDonald. Em lugar disso sorriu.

-Não danifiquei de nenhum modo a Isabelle, e logo que saia, você o verá por si mesmo.

E logo Lucian a olhava.

Isabelle avançou dando tombos fora da janela e piscou. Como podia saber ele realmente o que estava fazendo? Incomodou-a mais a mentira que sabia que teria que dizer ao Sr. MacDonald.

Caminhou para a porta e encontrou sua mão agitar-se enquanto alcançava o trinco. A cabeça de Sr. MacDonald se voltou para ela logo que saiu de sua cabana. Deu-lhe um sorriso e foi aliviada quando ele a devolveu.

-Isabelle, moça, estávamos preocupados contigo. - ele disse enquanto se aproximava dela.

-Sinto muito, Sr. MacDonald. Estava justamente a ponto de avisá-los a você e a Sra. MacDonald.

Os poucos cabelos cinza que tinha na cabeça dançaram com a brisa. Embora o rosto estivesse enrugado, os olhos ainda mantinham uma faísca inteligente neles o que dizia que ele poderia ver além de suas mentiras.

-Justamente me dizia que estava bem. - ele disse brandamente. -É como uma filha para nós, moça, e nos preocupamos contigo.

Isabelle olhou sobre o ombro de Sr. MacDonald para Lucian que estava parado acariciando ao Aled. Ela sabia que ouvia cada palavra. Não tinha medo de Lucian, e se o pedisse, ela sabia que ele se iria.

Devolveu o olhar ao Sr. MacDonald.

-Me perdoe. Vocês poderão controlar hoje o botequim? Necessito um pouco de tempo para... pensar.

Ele fez gestos com as mãos afastando suas palavras.

-É obvio. Temos ao pequeno Timmy. Lhe poremos a trabalhar. - disse o Sr. MacDonald com um sorriso fácil.

Isabelle riu enquanto pensava no Timmy, o filho do padeiro, quem andava sempre procurando algo que fazer que o mantivesse afastado dos quentes fornos.

-Obrigado.

Durante um comprido momento o Sr. MacDonald cravou os olhos nela.

-Estás feliz. - ele disse brandamente e dando meia volta para partir.

Isabelle lhe olhou partir. O comentário de despedida ecoou ruidosamente em sua cabeça. Feliz. O que a faria feliz? Faria-a permanecendo aqui trabalhando e vivendo no botequim com a esperança de encontrar um marido muito magro? Ela não fazia caso ao trabalho árduo, era parte da vida, mas a solidão é o que a carcomia, e o Sr. e a Sra. McDonald estavam envelhecendo. Não passaria muito antes que também a deixassem. Então onde estaria ela?

A felicidade. Era algo que sempre tinha tido enquanto seus avôs tinham estado ali. Até esse momento inclusive não tinha pensado no que a faria feliz, e era uma pergunta dura de responder. Lucian a faria feliz.

Faria-o Lucian?

Ela sabia sem dúvida que estando em seus braços e na paixão que era assim dessa maneira tão forte entre eles a sacudiu. Contudo, isso era bastante para que deixasse de lado a cautela e se fosse com ele, um desconhecido, porque até com todas suas palavras e com a noite compartilhada, era ainda um desconhecido.

Capítulo Quatro

Lucian vigiou a Isabelle estreitamente. Não terei que negar que o Sr. MacDonald lhe importasse enormemente e que lhe devolvesse a emoção. Era uma decisão difícil que teria que tomar muito em breve. Repugnava-lhe pressioná-la, mas queria retornar ao Drahcid logo que fosse possível.

-Isabelle?

Seu olhar encaixado nele.

-Tudo está bem. Disse-te que necessitava algum tempo para pensar.

Ele sabia que não tinha querido mentir ao velho, assim é que ela tinha dirigido a tarefa para onde ela não tivesse necessidade.

-Quanto tempo necessita?

-Quanto tempo tenho?

Lucian se afastou de Aled e caminhou para Isabelle e a cabana. Com toda honradez, poderia permanecer com ela durante alguns meses antes que tivesse que voltar de novo para o Drahcir.

-Te darei dois dias.

-Dois dias? - ela repetiu. - Como pode esperar que tome uma decisão tão monumental em um tempo tão curto?

Ele se encolheu de ombros enquanto o desespero começou a povoar-se ao redor dele como cadeias de ferro.

-Sabe a resposta justamente agora, mas recusas dizê-la. Se não tiver em conta disso agora, então não o fará em dois dias, duas semanas, dois meses, ou dois anos.

-O que pede é impossível. - ela disse e deu a volta ao retornou à casa de campo.

Lucian lhe deu todo um segundo antes que a seguisse. Tinha visto o fogo nos olhos dela, a cólera que faiscava profundamente dentro dela, mas se desejava cólera, ele poderia lhe dar cólera além da injustiça de seu reino e de sua família.

Ele se lançou a abrir a porta e a encontrou frente à chaminé, os braços envoltos na cintura enquanto ela ficava com o olhar fixo nas chamas. Com um puxão de mão, ele fechou de um golpe a porta e se acercou dela. Se sua mente não escutava suas palavras, então talvez seu corpo possivelmente.

As mãos lhe picavam por sentir a pele acetinada e seu corpo ardia por estar sepultado nela. Com a masculinidade já dura e doída, não apartou o desejo que implorava ser arrojado. Com um grunhido, agarrou os ombros de Isabelle e lhe deu a volta para lhe fazer frente enquanto a movia para trás contra uma parede. Os grandes olhos se cravaram nele, lhe vigiando para ver que é o que fazia ele.

-Se não esta disposta a escutar a seu coração, então escuta a seu corpo. - ele disse pouco antes que devastasse sua boca. Quando ela o devolveu com intensidade quase o colocou ardente.

Quanto mais tinha dela, mais queria. Tinha medo que alguma vez seria o bastante, e com esse medo cultivou outro - o que ocorria se ele tivesse que retornar ao Drahcid sozinho?

Apartou a um lado esses pensamentos mórbidos enquanto colocava a língua profundamente à força na boca de Isabelle. Ele esperou que resistisse, mas ela arrancou os braços de um puxão de seu agarre e os enrolou ao redor do pescoço enquanto ela suspirava em sua boca.

Lucian perdeu todo pensamento enquanto suas mãos se moviam rápida e eficazmente lhe tirava as roupas até que esteve nua ante ele. E apenas rapidamente, ele tirou as suas próprias e resgatou a boca doce para outro beijo que intoxicava.

Tomou as mãos dela na suas e estirou os braços ao flanco enquanto ele moldava seu corpo ao dela. Os peitos cheios pressionavam em seu peito enquanto ele continuava beijando-a, tomando os lábios repetidas vezes com beijos que eram rápidos e ligeiros, compridos e sensuais, profundo e exigente.

E ela respondeu a cada um de um modo que teve a Lucian desejando-a ardentemente, necessitando-a tão desesperadamente que por um momento não podia respirar. A fome por ela estava rapidamente fora de toda ponderação. Até tal ponto que se ela rechaçasse voltar com ele, então sabia que a encontraria depois com tal certeza, pois era impossível deixá-la. Ele era dela justamente tanto como ela era dele.

Os companheiros não se abandonam.

Lucian se separou dela. Os lábios dela estavam inchados, suas pálpebras pesadas e seus olhos se encheram de tal desejo tão forte que nesse momento, se houvesse ela pedido,que declarasse sob juramento ficar com ela para sempre, ele abandonava tudo.

-Lucian. - ela murmurou e se inclino para baixo para chover beijos no pescoço e no peito.

Ele fechou os olhos e deixou a cabeça cair para trás. Ela era uma tentadora, uma sereia que o atraía com engano com a cara tentadora e o corpo atraente.

-Necessito-te. - ela disse e esfregou os quadris contra ele.

Lucian vaiou com o contato do corpo suave contra sua masculinidade. Foi suficiente para quase lhe fazer derramar sua semente.

Ela o olhou profundamente aos olhos.

-Tome agora.

Foi uma petição que ele não podia recusar.

Ele a recolheu e a levou a cama. Logo que ela esteve nela, lhe deu a volta sobre o estomago e começou a beijá-la descendo pelas costas para as nádegas redondas. As mãos seguiram à boca, tocando cada parte dela.

Com um movimento menor, ele a arrastou sobre os joelhos. Recostou-se sobre ela, pressionando sua dolorida ereção nela enquanto as mãos encontravam os peitos.

Conforme ele dava um puxão aos mamilos, Isabelle começou a mover os quadris contra ele.

Ele intercambiou seus quadris e se introduziu no ardente, úmido sexo. Ele não pôde deter o gemido de satisfação no momento em que a encheu. Com as mãos em cada lado dos quadris a manteve arqueada, ele lentamente se moveu dentro e fora dela.

Ela respirava entrecortadamente, e os pequenos gritos de prazer se derramavam de sua boca cada vez que ele a enchia. E cada vez que ele a enchia, ele estava mais e mais perto do bordo de seu próprio clímax.

Ele a rodeou com as mãos e encontrou seu sexo e o inchado montículo. Com o toque mais leve, ele executou o polegar através dele e foi recompensado com um pequeno tremor que sacudiu seu corpo. Ele repetiu o movimento e a sentiu a ela apertar-se ao redor dele.

Ela estava perto, mas não o suficiente perto. Ele se endireitou e enquanto ele continuou movendo-se dentro dela, sua mão encontrou as costas e percorreu ao longo de sua coluna vertebral até que ele alcançou as nádegas. Logo, o dedo se moveu para baixo entre as bochechas arredondadas.

Isabelle estava sob uma neblina de prazer tão profunda que ela logo que poderia recordar seu nome. Cada vez que as mãos do Lucian ou a boca a tocavam, ela se derretia. Ele era um perito em fazer o amor e sabia justamente onde tocá-la para enviá-la vertiginosamente para o êxtase.

Até agora enquanto ele bombeava dentro e fora dela, ela ansiava mais dele. Ela estava aturdida por onde as mãos vagavam. Até que seu dedo passou roçando entre as bochechas de seu traseiro. Ela logo que teve tempo de registrar onde estava a mão antes que estivesse de volta outra vez, esta vez um dedo pressionava ligeiramente contra o broto apertado de seu ânus.

Ela não teve tempo para lhe pedir que parasse e não sabia se ela o desejava, desde que os impulsos vieram mais rápido, a mais duro. E com isso, seu dedo se introduziu nela.

Um grito se rasgou em sua garganta com o prazer que se rachou através dela. Com apenas o meneio mais leve de seu dedo, um orgasmo tão intenso, tão incrível a consumiu.

Como os últimos pequenos tremores de seu clímax murchando-se, ouviu Lucian rugir, e as mãos dele agarraram seus quadris enquanto ele se sepultava nela, dando sua semente para seu ventre. Ele sofreu um colapso em cima dela e durante compridos momentos eles se situaram em silencio pelo desenlace de sua forma de amar.

Isabelle ainda o podia sentir dentro dela. Cada vez que se uniam era mais aprazível, mais intenso. Ela nunca tinha pensado em si mesma como pecaminosa, mas quando ela estava junto ao Lucian tudo o que ela podia pensar era em seus corpos acoplando-se outra vez. Quando ele saiu dela, ela trocou de direção e lhe olhou.

-Isso foi… incrível.

Um sorriso satisfeito atirou de seus lábios.

-Gostou disso que fiz?

-Muitíssimo. - ela o admitiu e o puxou para baixo ao lado dela.

-Há mais?

Ele acariciou com o nariz seu pescoço.

-Muitíssimo mais, o que me levaria toda uma vida te mostrar.

Ela não respondeu às palavras, mas permaneceram com ela, mesmo quando a ela adormeceu em seus braços. Toda uma vida. Não era isso o que ela queria?

Lucian sustentou Isabelle firmemente junto a ele enquanto sua respiração se emparelhasse no sonho. Era somente a segunda vez que tinham feito amor, contudo foi mais intenso que a primeira vez. E ainda ele ardia de desejo por ela. Desejava-a outra vez, agora, mas não podia despertá-la tão logo depois de sua rajada de fazer o amor.

Ele tinha pensado que fazer o amor com ela outra vez, mostraria a ela que não poderia viver sem ele, mas tudo o que tinha feito foi lhe mostrar que não podia viver sem ela. Ele ia ter que enfrentar-se com a verdade, que se ela se decidisse contra retornar com ele a Drahcir, ele teria que escolher se ficava com ela ou retornava para uma morte certeira.

Sua família e reino ou sua companheira?

A marca no braço, que inclusive agora resplandecia com um azul brilhante, ditava que sua vida estava agora nas mãos de sua companheira. Ele não podia ignorar isso. Estava ligado a sua companheira mediante todo o tempo de vida. Abandoná-la agora teria conseqüências horrendas, mas também o faria abandonar a sua família e a Drahcir.

Seus pensamentos lhe levaram a sua família. Ele se perdeu em sua família, em seus irmãos e em todo os descascamentos, em sua mãe e o efeito calmante sobre a família, e em seu pai e a forma incrível de saber justamente o que fazer.

Como desejava ele poder falar com eles agora, para compartilhar seus problemas e ouvir seus conselhos. Mas ele sabia que isso era impossível. Seu pai lhe tinha advertido de que ele poderia ter que tomar uma difícil decisão. Lucian tinha sido o suficientemente parvo para nunca considerar essa possibilidade.

Isso era uma lição bem aprendida, mas tinha vindo muito tarde?

Capítulo Cinco

Já era hora.

Isabelle já não podia esperar para dar uma resposta ao Lucian. Ele merecia pelo menos isso dela. Mas até agora enquanto ela caminhava para ele enquanto ele limpava com uma escova a Aled, ela ainda não sabia qual seria sua decisão.

Ela tinha esperado depois de um dia completo se familiarizar melhor com o Lucian, ela poderia tomar uma decisão, quando tudo o que ele tinha feito era confundi-la ainda mais. Não havia nenhuma dúvida que ela não tinha podido conseguir bastante do corpo dele e do prazer que lhe dava, mas era suficiente isso para deixar sua vida e viajar com ele para um reino fictício feito com a mesma magia que lhe pôs a marca no braço?

Ela deu um passo para trás um momento e olhou como Lucian escovava aos arreios, ela podia dizer o tempo que ele tinha gasto com ela tinha tomado um pedágio nele. Ele não tinha

um lugar com ela, mas podia ela deixar ir? Ela sabia o momento em que ele se precaveu de que ela estava ali. Os olhos se encontraram sobre as costas do Aled. Lucian colocou sobre o chão a escova e caminhou ao redor do cavalo para ela.

-Ofereço-te uma decisão. - ela disse, com a língua densa em sua boca. Como desejava voltar à noite anterior e a sua deliciosa forma de amar.

-O fez.

Não lhe podia olhar o de frente e ver a dúvida refletida nas profundidades escuras. Isso foi quando ela se deu conta que precisava parar para perguntar o que podia e o que não podia fazer. Podia permitir que Lucian e seu reino morressem? Podia permitir ela que saísse de sua vida com o conhecimento de que nunca lhe veria outra vez? Podia viver ela sem ele?

A resposta era um terminante não para todas as perguntas. Ela queria dançar por todos os lados e cantar sua resposta a todo mundo. Em lugar disso, ela subiu o olhar e deu ao Lucian um sorriso enquanto ela dizia:

-Levará-me contigo?

-Quer de verdade? - Lucian perguntou a voz ofegante, como se ele esperasse que ela voltasse a mudar de idéia.

Ela inclinou a cabeça e se encontrou envolta em seus braços enquanto ele a fez dar voltas ao redor. Ele se deteve e enterrou a cabeça em seu pescoço.

-Obrigado. - ele murmurou.

Ela levantou o sorriso para o céu com suas palavras, e ela teria podido jurar que a marca em seu braço jogou faíscas.

Lucian, com a ajuda do Sr. MacDonald, tinha conseguido outro cavalo para a Isabelle, um que era firme e estável. Lucian desejou ir-se imediatamente, temendo que Isabelle mudasse de idéia uma vez mais, contudo cada vez que lhe perguntava ela ria e o beijava.

E até agora, um dia mais tarde enquanto ele acabava de atar a bolsa com todas os pertences dela, ele tinha que deter-se para não arrastá-la longe de Sr. e da Sra. MacDonald. Era a única família que ela conhecia, e precisava despedir-se deles.

-Vou perder-te, querida. - senhora MacDonald disse enquanto abraçava Isabelle outra vez.

Lucian viu a umidade nos olhos de Isabelle enquanto que ela beijava a graciosa bochecha da Sra. MacDonald antes de dar a volta para o Sr. MacDonald.

-Foi à filha que nunca tivemos, moça. Odeio ver-te partir, mas sei que é algo que precisa fazer. - Sr. MacDonald disse. -Sempre estaremos aqui se por acaso nos necessita. Te cuide.

-Farei-o. - ela disse.

Lucian estava surpreso por ver que o Sr. MacDonald se voltava para ele.

-Melhor será que não ouça que a tratas mal. - ele ameaçou.

-Nunca. Prometo-o por minha alma. - Lucian respondeu solenemente.

Sr. MacDonald pareceu estar satisfeito, pois ele mudou de direção e puxou sua esposa que chorava em seus braços. Lucian ajudou Isabelle a subir ao cavalo antes que ele montasse no Aled.

Por fim, ele finalmente regressaria a casa.

-Pronta? - ele virou a sua cabeça e perguntou a Isabelle.

-Pronta.

Com um último movimento para os MacDonald, Lucian deu uma joelhada ao cavalo para reatar a marcha.

As semanas de viagem tinham sido decididamente duras para Isabelle, embora ela acreditasse na obrigação de nunca queixar-se. Lucian tinha se certificado de viajar lento, mas era óbvio que estava mais que impaciente por chegar a seu lar. Ela estava muito ansiosa por encontrar-se com sua família.

Ela tinha escutados vários contos sobre sua infância e sobre sua família. Seus pais eram boa gente que tinha feito um trabalho assombroso por criar a um bom homem. Depois de outro dia duro de viagem pelas montanhas, ela se reclinou nos braços de Lucian enquanto que olhavam o fogo na comodidade de uma cova. O olhar foi atraído pelo braço nu e o símbolo intrincado. Quanto mais tempo passavam juntos, mais se precavia ela do que eles sempre teriam significado um para o outro.

Não era algo que ela pudesse explicar a qualquer pessoa, era uma sensação profunda, e estava tudo conectado de algum jeito com os símbolos. Ela moveu o braço esquerdo perto do dele e olhou as marcas. A luz do fogo jogou através dos braços, mas ela só via os símbolos.

-Incomodam-lhe? - A voz profunda de Lucian perguntou perto do ouvido.

Ela sorriu embora ele não pudesse lhe ver o rosto.

-Já não mais. Ao princípio me pareciam estranhos, mas agora… agora é como se tivessem estado sempre ali.

-Estavam. Justamente precisavam ser despertados e ser postos à vida.

Isabelle inclinou a cabeça de novo para o olhar de seus olhos negros.

-Como a mim.

Seu sorriso era devastador, ele a abraçou junto a seu peito.

-Apenas como a ti, meu amor.

-Tenho que admitir, que estou mais que assustada quando alcançamos Drahcir.

-Por que é isso? - ele pediu enquanto alisava para trás seu cabelo e a beijava no pescoço.

-Você é da realeza, Lucian. - ela disse enquanto se incorporava e se dava a volta para lhe fazer frente. -Sou uma plebéia.

-Não há nada de comum em ti. - Seus olhos se estreitaram e ele perguntou:

-Está assustada se por acaso minha família não lhe aceite?

Isabelle não pôde lhe sustentar o olhar. Os olhos dela caíram ao chão.

-Esse pensamento cruzou por minha mente.

Ela sentiu os dedos debaixo de seu queixo e permitiu que ele levantasse seu rosto até que o olhou aos olhos.

-Não. - ele disse brandamente.

-Não aferramos às convicções que infestaram ao resto de Escócia. A realeza ou o plebeu são o mesmo em meu reino. Ninguém te olhará com desprezo. É minha companheira, destinada a ser princesa do Drahcir.

- Destino ou não, a gente ainda vê aos forasteiros como ameaças, e sem importar o que diz, a gente me olhará de maneira diferente porque não sou da realeza.

Ele riu entre dentes e percorreu com um polegar sua bochecha.

-Ah, Isabelle. Nenhuma de minhas palavras aliviaria seus medos, mas te direi que meu reino teve que aceitar a forasteiros cada geração. É parte de nossa vida. Acredita em mim quando te digo que a gente de Drahcir se emocionará ao ver-te porque significa que estão muito mais perto de ver que suas vidas continuam.

Enquanto as palavras se infiltravam, ela se deu conta que maneira tinha sido absurda. Ela voltou para seu lugar contra seu peito e enroscou os dedos com os dele.

-Obrigado.

-Tudo estará bem. - ele disse enquanto que a acariciava com o nariz o ouvido.

Ela suspirou e fechou os olhos enquanto ele encontrou detrás de sua orelha um ponto particularmente sensível. Seu corpo inteiro se derreteu contra ele.

As mãos se moveram para sustentar os peitos e logo os dedos se enroscaram nos duros e doloridos mamilos. Enquanto que as mãos acariciavam e amassavam os peitos, sua boca deixou

um rastro de fogo que flamejou direto ao seu coração. Ela se queimou por ele como ela fez cada noite e igual a cada vez que seus corpos se uniam, a necessidade dele cresceu.

Isabelle saiu de seu abraço e se deu a volta para lhe fazer frente enquanto se montava escarranchada sobre seus quadris. Sua mão encontrou a ereção, grossa e dura, enquanto lhe guiava dentro dela.

-Por todos os céus. - Lucian gemeu e lhe sujeitou os quadris.

-Quero te saborear.

Ela logo que teve tempo de registrar as palavras que ele disse antes que ela estivesse de barriga para cima, e ele se ajoelhasse entre suas pernas, lhe chupando o estômago. Sua língua picante se arrastada de quadril em quadril, detendo-se para inundar-se agilmente em seu umbigo antes de beliscar o interior da coxa. Os pulmões de Isabelle se agarraram quando ela sentiu a respiração quente dele em seu sexo.

Poderia ser? Ele realmente tinha a intenção de beijar-lhe ali? Pouco tempo depois que ela se interrogava sobre a pergunta, sua língua lhe lambeu seu sexo, lento e brandamente. Ela suspirou e empunhou com as mãos as mantas enquanto ele se colocava entre suas pernas e dividia os lábios de sua mulher. Ela abriu os olhos para lhe ver olhando-a fixamente.

-Lucian?

-Não tem nem idéia de quão formosa é. - ele disse antes que sua língua serpenteasse para fora e agilmente escovasse movendo-se para trás e fazendo espuma sobre seus clitóris.

Isabelle se mordeu os lábios enquanto o quente e fundido desejo lambeu com chamas malvadas ao redor dela. Instintivamente, ela abriu as pernas mais amplamente, dando a Lucian mais acesso ao seu sexo. Quase imediatamente, sua língua a explorou mais profundamente, saboreando-a como ninguém alguma vez o faria. Sua paixão crescia tão rapidamente que ela sabia que não poderia deter seu clímax, e ela não estava pronta para que isso terminasse ainda.

Não até que o saboreasse a ele. Com grande esforço, ela conseguiu incorporar-se. Ao olhá-la fixamente Lucian, ela meramente sorriu e o rodou sobre as costas.

-Meu turno. - ela disse e amou a forma do apertado estomago quando ela viu o desejo nos olhos dele.

Ela agarrou sua masculinidade amavelmente, amando a sensação de seu calor e suavidade. Uma gota de líquido se formou na ponta, e Isabelle se inclinou para baixo e o lambeu. A respiração do Lucian vaiou entre os lábios, mas isso só a apressou mais. O sabor dele era delicioso, e ela queria mais.

Muito mais.

Cada vez mais ousada, Isabelle a meteu na boca enquanto ela movia a mão acima e abaixo de seu eixo. Com a mão livre, levou-a para baixo e cavou seu testículo. Ela justamente começava a tomá-lo mais profundamente quando as mãos do Lucian a agarraram pela cintura. Isabelle levantou o pescoço para lhe dizer a ele que se detivera quando lhe disse:

-Espera.

Ela confiava nele completamente e amava algo novo que lhe mostrava, assim é que ansiosamente esperou enquanto ele a situava em cima dele com as pernas que montavam escarranchado sua cabeça e a cara a poucas polegadas de sua masculinidade.

Ela não necessitou que lhe dissessem o que fazer. As mãos encontraram seu testículo e sua ereção com os lábios lambendo-o do fundo até a ponta. Ela acabava de tomá-lo na boca outra vez quando sentiu sua língua movendo-se através de seus clitóris. Por um momento ela não podia mover-se enquanto o prazer se vertia através dela. Poder receber tal prazer enquanto ela o dava foi uma experiência maravilhosa, uma que ela se propôs certificar-se de que eles repetissem freqüentemente.

Lucian refreou um gemido enquanto Isabelle o tomava com sua picante e molhada boca. Suas doces mãos sabiam justamente tocar e como de duro ou suave de tal maneira cavava os testículos e movendo sua mão acima e abaixo de seu punho. Quis a liberação nesse mesmo momento, mas podia dizer que ela se estava opondo a seu clímax. Ele resistiria enquanto ela o fizesse, por mais que isso quase lhe matará por levá-lo acabo.

A língua se lançou através de seu sexo e encontrou seus clitóris outra vez. Ele amava seu sabor e como tremia seu corpo cada vez que a língua a lambia. Ela estava molhada com seus sucos, o qual só estimulava seu desejo a novas alturas.

Tinha-lhe mostrado alturas de prazer que ele nunca tinha conhecido, e quis tomá-la uma e outra vez. As mãos, que agarravam seus quadris, moveram-se para trás e sobre seu arredondado traseiro. Gostava-lhe de tocar suas nádegas, e amava o tesouro que ele tinha encontrado entre elas, isso a voltava selvagem.

Ele deixou que um dedo se precipitasse por sua coluna vertebral descendendo entre suas nádegas até que ele encontrou seu ânus. Ele justamente passou roçando seu broto, mas sentiu o agarre forte de seu corpo outro tanto. Com um sorriso, ele inundou um dedo em sua vagina e sentiu sua respiração quente expelir de sua boca enquanto ela gemia, profunda e longamente.

-Quer algo?

Ela gemeu outra vez e moveu os quadris contra seu peito.

-Sabe o que quero.

-Ainda não.

Lucian retirou o dedo de sua vagina e se moveu por volta de seu ânus onde outra vez o passou roçando. Esta vez, Isabelle choramingou e bombeou com a mão mais rapidamente sua ereção.

Ele fechou os olhos e encontrou seus clitóris outra vez enquanto que com um dedo se inundava em seu apertado broto. Durante um comprido tempo, ele não moveu o dedo. Não até que o corpo de Isabelle se relaxou e fez que ele o movesse, e quando o fez ela ficou sem fôlego e levantou a cabeça de sua ereção.

-Não estou preparada. - ela gemeu.

Mas Lucian conhecia muito bem seu corpo o suficiente para saber que ele poderia empurrar um pouco mais antes que ela alcançasse seu clímax. Quando ele não afrouxou seu assalto, ela tomou na boca e começou a beijá-lo e chupá-lo como se sua vida dependesse disso.

Lucian os levou tão longe como ele pôde antes que ele a soltasse e lhe desse a volta sobre suas costas. Os olhos estavam reluzentes enquanto ela ficava com o olhar fixo nele, e ele sentiu uma corrente de orgulho por saber que ela era dele.

Estendeu-lhe a mão e a puxou sobre seus pés então deu a volta a ela de cara à parede da caverna.

-O que estas fazendo? - Ela perguntou sobre o ombro.

- Shhh. - ele disse enquanto ele beijava seu ombro. -Confia em mim.

Ela gemeu e inclinou a parte posterior da cabeça contra seu ombro.

-Já o faço. Não estou muito segura de que minhas pernas me podem manter.

Lucian riu longamente enquanto agarrava sua masculinidade e encontrava seu sexo. Ele esfregou a ereção contra seu sensitivo sexo e se deleitou com cada grito e gemido que se rasgou de sua garganta. Quando ele não pôde tomá-la não mais, sepultou-se profundamente dentro dela.

Isabelle agarrou a pedra fria da caverna enquanto Lucian começou a mover-se lentamente dentro dela. Ela o queria duro e rápido para alcançar seu clímax, mas ela sábia que Lucian lhe mostraria o prazer como só ela tivesse sonhado. Então, com cada retiro e cada impulso, ela se moveu contra ele, criando mais fricção enquanto o tempo aumentava.

Ela estava aturdida pela espera, seu corpo precisava deixar cair, mas não preparado ainda para deixar-se ir com tudo, pois Lucian se mergulhava profundamente dentro dela. Seus corpos estavam escorregadios com o suor, e ela podia sentir como o clímax se ia formando enquanto ele bombeava duro e rápido. Ela sentiu a mão mover-se ao redor dela para encontrar seu sexo escorregadio e palpitante.

Seu polegar se moveu sobre ele uma vez, duas vezes… três vezes, e seu mundo se estilhaçou ao redor dela enquanto seu orgasmo a reclamava, conforme as ondas sobre as ondas de prazer rodava através de seu corpo. E com cada contínuo impulso da masculinidade de Lucian, prolongando seu clímax até que ela logo que pôde manter-se de pé. Fracamente ela ouviu um rugido detrás dela e se precaveu de que Lucian também tinha encontrado sua culminação enquanto a ponta de sua ereção tocou seu ventre.

Capítulos Seis

Lucian não podia acreditar que estivesse quase em casa. Ele não tinha querido dizer a Isabelle ontem à noite que chegariam hoje. Ele sabia que estava nervosa, mas queria que ela obtivesse uma boa noite de sono e abstendo a de sua chegada lhe tinha outorgado a ela isso.

Ele acomodou aos cavalos e deu a volta para encontrá-la trançando seu cabelo. Ele amava sua gloriosa juba marrom escuro. Era grosso e sedoso, e o amava pondo cortinas ao redor dele quando faziam o amor.

Enquanto ele apertava a cadeira de montar da égua de Isabelle, pensava no tempo juntos. Tinham utilizado o tempo para aprender mais um do outro, e conforme passavam os dias, ele se perguntava como tinha vivido alguma vez sem ela. Ela tinha um senso de humor malvado que o mantinha rendido e percebendo o mundo com uma luz inteiramente diferente.

Sua família e reino seriam muito mais ricos com ela. Ele suspirou e olhou o passo que eles tomariam isso o levaria a Drahcir. Lar. Como o tinha sentido falta, mais especialmente a sua família. Um sorriso atirou dos lábios enquanto ele imaginava a volta a casa com seus irmãos. Era um forte e bagunceiro grupo, mas eram leais. Que mais poderia um irmão pedir?

-O que está olhando? - Isabelle perguntou enquanto se aproximava para parar ao lado dele.

-A um passo de casa.

Ela ficou rígida ao lado dele.

-Soube isto ontem à noite?

Ele inclinou a cabeça.

-Sim, mas sentia que podia te beneficiar um bom descanso em lugar de permanecer acordada preocupando-se.

-Tinhas razão, é obvio. - ela disse e riu enquanto se grampeava a capa ao redor dela.

-Está preparada?

-Sim. - disse e lhe beijou antes que ele a sentasse na égua e se aventurasse na neve.

Falaram por horas sobre tudo, e quando se aproximaram das portas de Drahcir, Lucian sabia que sem importar que tempo ele se fosse com ela seria o tempo mais maravilhoso de sua vida. A entrada a Drahcir era justamente sobre a ascensão seguinte.

Lucian estava tão cheio de excitação por ver sua família outra vez que por um momento quase perdeu a fissão de advertência que baixou correndo por sua coluna vertebral. Ele moveu de um puxão das bridas do Aled e alcançou ao alto de Isabelle. Uma vez que ela esteve detida, ele olhou ao redor esperando a ver quem, ou o que, punham-nos em risco.

-O que é isto? - Isabelle murmurou.

Lucian sabia sem dúvida de que algo estava a ponto de atacá-los, justamente não sabia de onde. Ele tinha que pôr a Isabelle a salvo, mas com a grossa neve e as paredes de montanhas, não havia um lugar para que ela se ocultasse.

-Estamos a ponto de ser atacados. - ele disse casualmente enquanto a gracejava e a beijava.

Com gratidão, ela permanecia calmamente enquanto ela perguntava.

-Quem?

-Não sei. Não há um lugar para que te oculte, mas devo me assegurar que permaneça fora. Toma isto. - ele disse, e colocou a adaga que lhe tinha dado na primeira noite em seu regaço.

-Conserva-a escondido, e usa-a se dever.

Ela inclinou a cabeça e agarrou sua mão.

-Não vou mentir e te dizer que não tenho medo.

-Sei.

Lucian a olhou sobre seu ombro e viu a parte superior do castelo através do passo. Se houvesse alguma maneira de que eles pudessem cavalgar para as portas com toda segurança, ele não vacilaria, mas a terra não permitiria aos cavalos fazer algo além de subir firmemente.

Ele se voltou para a Isabelle.

-Protegerei-te. Não vim até aqui para te perder e falhar a minha família. - Pouco tempo depois que as palavras tivessem saído de sua boca um grito estranho ecoou ao redor deles. O sangue do Lucian se congelou em suas veias. Tinham passado gerações desde que qualquer Sinclair se encontrou com um Tnarg.

Os olhos esquadrinharam a área detendo-se no momento em que ele divisou a criatura vil. Rapidamente, ele manuseou a espada e recolheu o escudo. Ele torceu as rédeas até que Aled agora confrontava ao Tnarg. Seus arreios davam golpes na firme terra congelada e soprava.

Lucian olhou sobre o ombro ao Isabelle.

-Recorda o que te disse. Encontra algum esconderijo. - ele advertiu enquanto o Tnarg deixava escapar outro grunhido forte.

Uma vez que ele esteve seguro de que Isabelle se escondeu o suficiente, Lucian deu uma joelhada ao Aled e correram velozmente para o Tnarg. A suja criatura saltou do escarpado por cima deles e aterrissou com um grito surdo justamente a um lance deles.

-O que quer? - Lucian demandou.

O Tnarg sorriu revelando uma boca cheia de dentes largos, afiados. Os vermelhos olhos de forma de miçanga resplandeceram, e o pequeno cabelo, grosso e avermelhado lhe cobria o corpo inteiro deixando um aroma inconfundível. A criatura estava parada à mesma altura quase igual de um homem, mas os alargados braços e as sanguinárias garras advertiam a qualquer de chegar muito perto.

-Quero a sua noiva. - disse com uma voz que soava como se alguém tivesse uma mão ao redor da garganta.

Lucian não poderia dar crédito a seus ouvidos. Depois de toda a busca e a convicção do que tinha feito, ele não estava a ponto de perder a Isabelle por um Tnarg, justo uns momentos antes das portas do Drahcir e de sua família. Ele agarrou o pomo da espada e entrecerrou os olhos no Tnarg.

-Terá que passar por mim para consegui-la.

-Esperava que dissesse isso. - o Tnarg disse pouco antes que saltasse com os grossos quartos traseiros.

Lucian moveu com força ao Aled para um lado assim é que as garras afiadas do Tnarg não cegariam ao cavalo. Em segundo lugar não deixou tempo para que Lucian fizesse algo com exceção de fortalecer-se a si mesmo para o impacto. A força do Tnarg estrelando-se contra ele arrebatou a respiração de seus pulmões de tal maneira que lhe derrubou bruscamente de Aled.

Pareceu-lhe uma eternidade que ele fora derrubado dos arreios até que finalmente aterrissou na grossa neve. Foi só a neve o que o tinha salvado, ele sabia. E enquanto ele lutava para recuperar o fôlego, o Tnarg montou escarranchado sobre ele e levantou um de seus braços. Através da neblina, Lucian viu as garras estender-se da mão do Tnarg e soube que tinha meros segundos para viver.

Ele atirou bruscamente para cima dos joelhos e as trouxe contra as costas do Tnarg. Foi com bastante força para golpear a criatura longe dele. Lucian começou a rodar sobre os pés e jogou uma olhada ao redor da neve pela espada e o escudo. Ele calcou ao fundo o pânico que ameaçava surgir e escondeu na palma da mão a outra adaga da bota enquanto o Tnarg ficava rapidamente em pé.

-Tem intenção de me matar com isso? - O Tnarg bufou.

Lucian se encolheu de ombros enquanto eles davam voltas um ao redor do outro.

-Te matarei de qualquer maneira que possa.

-Posso te dizer que isso não fará nada.

Lucian não sabia se a criatura mentia ou não, mas ele recusou-se a permitir à besta ver qualquer indício de medo ou preocupação. Em lugar disso, chamou por gestos ao Tnarg.

-Tive bastante disto. Quer uma briga, vêem e consegue-a.

O Tnarg inclinou a cabeça para um lado.

-Um cheio de vida. Será um saboroso sanduíche.

Lucian se mergulhou e começou a rodar enquanto o Tnarg balançava um braço carnudo no peito. De tal maneira ele golpeou a terra, que Lucian sentiu o escudo descendo dele e rapidamente o agarrou enquanto chegava a seus pés. Quando ele se deu a volta ao Tnarg, a criatura entrecerrava os olhos no escudo.

-Armamento fino.

-Sim, é-o.

O Tnarg grunhiu e deu um passo mais perto dele.

-Onde o roubou?

Lucian riu.

-Sou um príncipe de Drahcir, você é um verme asqueroso. Foi dado como um presente.

Com um grito forte o Tnarg tropeçou para trás e deixou ao descoberto os dentes.

-Mentira.

-Não minto.

Durante vários segundos Lucian e o Tnarg se olharam aos olhos fixamente um ao outro. Finalmente, o Tnarg disse:

-Amigo do Fae ou não, ela deve morrer.

Em uma piscada o Tnarg se moveu ao redor do Lucian e estava dirigindo para a Isabelle. Lucian gritou o nome de Isabelle para submetê-la a julgamento e adverti-la enquanto perseguia o Tnarg. Ele observou com horror como o Tnarg estava a ponto de alcançar a Isabelle.

-Não. - ele gritou enquanto lançava a adaga à ofensiva besta.

A adaga se incrustou nas costas do Tnarg, mas a criatura continuava sua trajetória para Isabelle. Lucian sabia que tinha que mudar o rumo da atenção do Tnarg de Isabelle, mas sem a espada ele não tinha arma.

Lucian se lançou para o Tnarg e lhe envolveu com os braços ao redor do peito da criatura enquanto o balançava de um lado ao outro. Usando cada músculo de seu corpo, Lucian golpeou ruidosamente ao Tnarg contra a montanha.

Ele se deu a volta para Isabelle e gritou:

-Toma a égua e retome o passo. Não te detenha e não olhe para trás. - ele disse.

-Lucian. - ela disse, mas ele deteve as palavras dela com a mão.

-Não há tempo. - lhe disse e a colocou na égua.

-Amo-te. - disse pouco antes que ele golpeasse a égua no flanco.

O Tnarg gritou e tratou de abordar a Lucian, mas Lucian levantou o joelho e colocou com força na parte direita da tripa da criatura antes que ele plantasse o punho na cara do Tnarg. A besta caiu para trás sobre a neve enquanto o sangue saía a fervuras do nariz.

-Pagará por isso. - disse.

-Advertir-te que teria que me matar primeiro. - Lucian disse enquanto o Tnarg se levantava e cintilando a ele.

-Vêem saciar sua sede em mim.

O Tnarg então riu o ameaçador e diabólico som.

-Com toda segurança terei seu sangue, mas antes que o faça, saiba que terei a sua noiva. Não importa quão longe ela corra ela morrerá.

Depois que tinham acontecidos gerações até que alguém tivesse visto um Tnarg, Lucian mesmo só o tinha visto em quadros, ele estava sentido saudades quanto ao por que a besta tinha saído do esconderijo. Sem mencionar que, ele ainda necessitava da espada.

-Por quê?

-Por quê? - O Tnarg repetiu. -Por que você crê?

-Isabelle não te tem feito nada a ti. Sua rixa jaz com os Sinclair's.

O Tnarg limpo o sangue da cara.

-Ela é sua noiva, por conseguinte uma Sinclair.

Lucian ferveu de fúria. Os Tnarg eram criaturas vis, mas atacar a uma mulher em vez de um guerreiro isso o levava ao mais baixo de tudo. Ele deu um passo a sua esquerda e sentiu que algo o golpeava no dedo do pé.

O coração de Isabelle golpeava furiosamente no peito. Não tinha podido deixar sozinho ao Lucian, apesar de que lhe havia dito. Ele a poderia necessitar. Ela tinha detido a égua e a tinha oculto detrás da parede da montanha. Ver a horrível criatura ainda não a fez parecer real para ela. E podia falar. Um estremecimento rasgou através dela enquanto tinha apresentado que queria matá-la.

Por alguma razão estava conectado com o Lucian e sua família, estava segura disso. Lucian tinha falado de magia, e embora ela não soubesse muito a respeito dela, a criatura tinha que vir de alguma classe de magia. Enquanto Lucian e a criatura falavam, ela manuseou a adaga com a mão, pronta para ajudar a Lucian de algum modo em que ela pudesse. A respiração se alojou na garganta enquanto Lucian rodava e tirou dentre as mãos a espada para fazer frente à besta.

Ela piscou, Lucian e a criatura se atacavam. O braço de Lucian se movia com a velocidade do relâmpago enquanto mantinha a distância dele as garras da besta. Ela tinha visto o Lucian brigar uma vez antes, mas à luz do dia, ela viu justamente que tão excelente guerreiro que ele era enquanto lutava contra uma criatura feita de magia.

Não obstante, guerreiro poderoso ou não, a criatura o estava cansando rapidamente. Isabelle podia dizer que os movimentos de Lucian se estavam fazendo mais lento, o do Tnarg tinha aumentado. Pela resignação na cara de Lucian, ele sabia que era simplesmente uma questão de tempo.

-Não. - Isabelle murmurou. Ela não podia perder a Lucian apenas depois de encontrá-lo.

Ela se levantou e começou a descer do passo. Seus pés se deslizaram rapidamente no gelo e a neve, e ela começaram a cair. Ela manteve os olhos em Lucian enquanto que ela se deslizasse para baixo o resto do caminho, ignorando os cortes e os raspões das pernas.

-Lucian. - ela disse através das lágrimas enquanto lhe via desmoronar-se no chão sob o impacto do assalto do Tnarg. Ela se elevou sobre os pés, com um único pensamento de salvar ao Lucian.

-Escapa dele. - ela chorou enquanto corria velozmente para o Tnarg.

O Tnarg não emprestou a ela nenhuma atenção enquanto entrava em matar. Isabelle se aproximou da criatura e enterrou a adaga em seu braço. Deu um alarido e a atirou enquanto ele agarrava a adaga. O estômago de Isabelle baixou a seus pés enquanto o Tnarg se dava a volta para ela e vaiava, deixando os dentes ao descoberto. E tão rapidamente como tinha vindo, partiu. Isabelle fechou os olhos enquanto dizia uma rápida oração de obrigado. As lágrimas se acumularam nos olhos pelo terror que ela tinha presenciado.

-Isabelle.

Os olhos se abriram repentinamente para ver o Lucian engatinhando para ela. Ela gritou livremente agora enquanto se levantava sobre os joelhos e lhe abraçava.

-Pensei que te tinha perdido.

-Você supostamente foi. - lhe disse sua respiração ainda entrava em goles enormes. Ela se inclinou de novo para olhá-lo aos olhos.

-Não podia te deixar. Supus que me necessitaria.

Ele sorriu logo e o tirou o cabelo úmido do rosto.

-Obrigado.

Eles se levantaram sobre os pés, e Isabelle fez inventário dele. Felizmente, ele tinha só feridas de carne e nada que não pudesse esperar para ser atendido uma vez que alcançassem Drahcir.

-Estou bem. - ele disse enquanto ele apaziguava os braços. -Está ferida?

Ela começou a negar com a cabeça então sentiu que as pernas começavam a lhes picar.

-Nada que não possa esperar até que alcancemos as portas.

-Então vamos a casa. - Lucian disse.

Isabelle estava mais que pronta agora.

Lucian olhou a Isabelle e sorriu enquanto entravam pelas altas portas douradas do Drahcir. Ele nunca se cansava de olhar Drahcir, e só podia imaginar o que era vê-la pela primeira vez. Ele desejou dar uma joelhada ao cavalo, mas se conteve assim Isabelle podia fazer um reconhecimento de tudo.

O caminho que conduzia ao castelo o qual estava à grande altura por cima da montanha era escarpado e alinhado com casas de campo e outras estruturas que davam indícios do reino com o símbolo intrincado que o Fae lhes tinha dado. Esse mesmo símbolo foi esculpido em todo o artesanato de madeira e pedra e inclusive costurado sobre as roupas. O trabalho de enlaçados estava literalmente em todo lugar, mas em lugar de cansar-se disso, começou a converter-se em uma parte do Isabelle.

-Disse que era belo, mas não esperei isto. - Isabelle disse enquanto olhava ao redor com temor.

-É mais belo que as palavras. Algo assim como você.

Ela voltou seus azuis olhos para ele e sorriu.

-Sabe como encantar. - Seus olhos beberam o atrativo e a beleza de Drahcir. Nada a tinha preparado para a deliciosa e quieta beleza nem da cidade nem dos sorridentes e alegres habitantes. Uma mulher com um menino pequeno que jogava a seus pés fora de sua casa apanhou a atenção do Isabelle. A garotinha com os loiros cachos dedicou a Isabelle um sorriso brilhante antes de saltar para cima e acompanhar a sua mãe.

Era duro para Isabelle não notar que sua roupa andrajosa, mais velha não era nada como o limpo e simples estilo que os habitantes usavam. A diferença dela cujo vestido de lados abertos e cauda, traziam postos vestidos de cores sólidas com mangas largas acompanhadas e um largo bordo ao final de suas saias. Em lugar da barbela e touca de dia, o cabelo estava trançado e preso com arremates de metal.

Ela o encontrou precioso e encantador, tanto que ela não podia esperar para tirar-se de seu sujo e imundo vestido e ficar com um dos deles. A roupa dos homens era tão singela e antiquada como a das mulheres. Em lugar da touca, ia descoberta a parte alta. Em lugar do casaco, as manoplas, as botas de couro pintadas, e as meias três quartos, traziam postas túnicas largas, calça estreita escocesa, e botas altas de couro.

Era como se Isabelle tivesse entrado em outro reino. Seu olhar se movia da gente para as estruturas. Ela reconheceu a ferraria, uma padaria, e inclusive uma loja que fabricava roupa. Tudo estava limpo e belo. Isso foi quando ela notou como se começou a acalorar.

-Ocorre algo? - Lucian perguntou.

Ela voltou à cabeça para ele.

-Faz calor.

Ele sorriu e alcançou até ajudá-la a tirar capa de grossa lã.

-Embora fossemos amaldiçoados, a cidade também foi benta. Nada poderia viver nestas montanhas com tanto frio como há. A Fae enfeitiçou a cidade para mantê-la quente.

-Assombroso. - Isabelle murmurou. -Alguma coisa mais que não me há dito?

Sua risada calorosa trouxe um sorriso aos lábios dela.

-Há algumas coisas que é melhor as experimentar em vez de ser ditas.

Isabelle negou com a cabeça enquanto ria.

-Obtive muitas surpresas.

-Aqui há outra. - ele disse enquanto se detinha diante de um maciço bebedouro.

Ela só podia olhar estupidamente o tamanho íngreme da fonte e da brilhante pedra com a que se construiu. Fracamente, ela foi consciente que Lucian a ajudava a apear-se, mas ela rapidamente caminhou para a fonte e percorreu com a mão as assombrosas rochas azuis com que a fonte tinha sido criada.

-São suaves. E não vejo gretas onde as pedras se interceptam acima. - ela disse e subiu o olhar para o Lucian.

-Outro presente do Fae. - disse em resposta.

Isabelle se voltou para a fonte e inundou a mão na clara e fresca água e lhe trouxe para sua mão. Sabia tão fresca e tão encantada como a cidade. Não foi até que ela levantou a mão estendida para o Lucian e se deu a volta à égua quando ela viu o castelo.

A estrutura era tão similar como era de diferente nos castelos de Escócia. As torres redondas, as alamedas, e as torres que subiam as alturas imitavam aos castelos que ela conhecia, mas a pedra com a que se construiu era similar a da fonte e se mostrava brilhantemente ao sol. Não havia ponte levadiça, e as muitas escadas que conduziam ao castelo era algo que ela nunca tinha visto antes. Seu olhar abrangeu os muitos balcões que olhavam à cidade das diversas câmaras do castelo pondo-a ansiosa por investigar cada lugar.

-Desejas dar uma olhada mais perto? - Lucian lhe perguntou na orelha.

Ela não podia dar a volta agora embora fizesse um intento. Ela estava unida com o Lucian, com o Drahcir, e com sua gente.

-Sim. - ela respondeu.

A gente começou a mover-se para eles, alinhando-se no caminho que conduzia ao castelo se localizava em cima da montanha. A estrada era comprida e serpenteava enquanto se elevava à altura do pico mais alto. Lucian fazia gestos com as mãos e dirigia a palavra às pessoas enquanto passavam, mas ele não podia apresentar Isabelle. Não antes que seus pais se reunissem com eles. Quando alcançaram o topo, Isabelle estava ofegante e ansiosamente caiu em seus braços enquanto ela se apeava.

-Acredito que a próxima vez preferiria caminhar. Ainda não estou acostumada a montar.

Lucian riu e alisou detrás as mechas de seu cabelo que se soltou com os ventos tempestuosos das montanhas.

-Acostumará a isso.

Ela girou os olhos e deu um passo fora de seus braços para alisar as saias. Sobre sua cabeça, Lucian divisou aos seus pais enquanto emergiam do castelo.

Nos anos de sua ausência, seu pai tinha envelhecido muito. Onde uma vez sua barba tinha sido tão negra como a noite, estava salpicada de cinza. E sua mãe não tinha um ar muito melhor. Sua cara perfeita agora tinha raias de preocupação ao redor da boca e os olhos.

Logo que lhe divisaram, sua mãe começou a chorar e seu pai lentamente dirigiu seus passos para ele. Lucian se encontrou com seu pai a metade de caminho e abraçou ao homem que tinha sido seu herói.

-Estou contente de que tenha retornado, filho. - seu pai lhe disse enquanto dava-lhe um passo atrás e se entregava a ele uma vez mais.

Lucian sorriu e se moveu para abraçar a sua mãe. As palavras não foram expressas. Sua mãe não podia deixar de chorar, e sua emoção quase a estrangulou. Finalmente, Lucian se tornou a um lado e fez um sinal pedindo a Isabelle que viesse. Pela primeira vez desde sua chegada, sua mãe suspendeu as lágrimas e seu pai voltou seus olhos escuros para Isabelle.

-Mãe. Pai. Eu gostaria de lhe apresentar Isabelle. Minha companheira.

-Os Santos sejam elogiados. - seu pai grito e arrastou Isabelle aos braços.

Lucian se recostou e olhou a preocupação de seus pais por Isabelle, dando a bem-vinda a ela na família. Compartilharam um sorriso, ele e Isabelle, enquanto a gente do Drahcir começou a fazer uma ovação.

-As bodas serão daqui a três dias. - sua mãe disse enquanto começava a caminhar para as portas do castelo, com o braço firmemente enganchado ao redor do Isabelle.

Lucian se deu a volta para seu pai.

-Onde estão Elric, Sorin, e Keiran? Esperava que eles nos saudassem.

Seu pai baixou o olhar.

-É o primeiro em retornar, filho.

Lucian ficou aturdido pelas notícias. Ele tinha pensado ser o último, não o primeiro. Não era estranho que seus pais tivessem envelhecido desse modo tanto em sua ausência.

—Retornarão, Pai. Sei.

Seu pai inclinou a cabeça.

-Basta de conversar disso. Celebremos sua volta.

-Espera. - Lucian disse. -Há algo que deveria saber. Fomos atacados.

-O que? - Seu pai exclamou.

Lucian suspirou.

-Era um Tnarg, Pai. Está atrás de Isabelle.

-Pelos Santos. - Urises disse. -Está seguro? Não se encontrou nenhum em...

-Gerações. - Lucian completou. -E estou realmente seguro. Os livros que predizem nossa história têm várias descrições dos Tnarg neles. Estava acostumado a ter pesadelos sobre as bestas. Desapareceu tão repentinamente como apareceu.

Urises baixou uma mão abaixo pelo rosto.

-Não o diga a sua mãe. Ela se preocupou bastante com isto.

Entraram andando no grande vestíbulo, e os olhos de Lucian encontraram instantaneamente a Isabelle. Ela e sua mãe estavam sentadas diante da maciça chaminé enquanto falavam. De repente, ela voltou os olhos e se encontrou com seu olhar.

Ela disse uma só palavra a sua mãe, logo se levantou e caminhou para ele. Ele tendeu seus braços enquanto ela se aproximava e puxou ela contra ele.

-Agrada-te estar aqui? - Ele perguntou.

Inclinou cabeça acima e sorriu abertamente.

-É assombroso. A diferença de algo que pude ter imaginado, mas seria feliz em qualquer parte enquanto esteja comigo.

Repentinamente caiu em conta ato seguido. Ele o tinha feito. Ele tinha obtido uma busca, uma busca onde muitos tinham dependido dele. Ele deveria orgulhar-se disso, e ele estava, mas empalideceu com respeito ao que sustentava em seus braços.

-Amo-te. - ele murmurou.

-E eu a ti, meu príncipe.

Capítulo Sete

Isabelle olhava para fora sobre a gente de Drahcir. Justamente em uns poucos momentos, as bodas começariam. Ela ainda não sabia como as costureiras tinham acabado seu vestido com tempo. Era vestido adequado para uma princesa.

O fio de ouro brilhava intensamente no material do vestido da Borgonha escuro. O fundo tinha o bordo grande no que se encontravam os desenhos intrincados que eram similares aos que estava em seu braço. Havia também gemas costuradas sobre ele, pérolas, diamantes, e a mais cara das gemas – granada.

Ela olhou-se no espelho outra vez. Cada vez que ela olhava à mulher elegantemente vestida, com o cabelo em duas tranças largas e envoltas no mesmo Borgonha escuro como seu traje de noite, ela não podia acreditar que era sua imagem.

-Ansiosa?

Isabelle deu a volta para encontrasse com Morag, a mãe do Lucian, na soleira.

-Mais do que sabe. - ela admitiu.

-Não há nada pelo que estar ansiosa querida. Você e Lucian significam muito um para o outro. Agora, - ela disse e agarrou algo para ela. -Vais necessitar isto.

-O que é isso? - Isabelle perguntou enquanto Morag caminhava detrás dela.

-Cada princesa deste reino usou isto. - ela disse e depois colocou na cabeça de Isabelle.

Isabelle se olhou no espelho e ficou sem fôlego enquanto olhava a pequena coroa na cabeça.

-Leva-a com orgulho, amor. - Morag disse com um sorriso. - Agora, venha. É a hora, e Lucian esta se pondo inquieto.

Isabelle foi detrás de Morag da câmara, baixando o comprido corredor e escadas até o grande vestíbulo onde Lucian a esperava. Ela se embebeu com o aspecto dele com seus trajes de gala real. Ele ainda usava o negro, mas ela notou que sua túnica foi ajustada para fazer jogo com seu vestido.

-A visão mais encantadora que jamais contemplei. - ele disse enquanto ela se aproximava e tomava suas mãos.

-Nós?

-Estive-te esperando toda minha vida.

-Então não esperes mais, meu amor. - lhe disse e a guiou ao grande vestíbulo.

Lucian quis correr para a torre. Depois do assalto do Tnarg, ele tinha estado mais que um pouco nervoso a respeito de outro ataque. Ele se saiu com a sua, a cerimônia matrimonial tivesse tido lugar no grande vestíbulo ou a capela, não na torre para que o reino o veja. A vida de Isabelle era mais importante que a tradição, mas não tinha podido fazer entrar em razão a seus pais.

Muito perto de incomodar a seus pais, ele havia trazido posta sua espada. Não havia forma de que ele permitisse a si mesmo não estar preparado se por acaso houvesse um ataque. Por a

ou por b, esse Tnarg queria a Isabelle morta, e Lucian tinha um sentimento de que voltaria de novo até que a ação parecesse.

Quando alcançaram o mais alto da torre, ele estava mais que preparado para que a cerimônia acabar-se. Sua mãe tinha rechaçado lhe permitir que ele passasse mais que uns poucos momentos na companhia de Isabelle desde sua chegada. Ele queria beijar, tocar, e saborear a sua mulher, e depois de hoje ninguém poderia lhe deter.

O sacerdote estava parado pacientemente aguardando-os enquanto Lucian e Isabelle chegaram até ele. Debaixo deles, o reino inteiro de Drahcir tinha vindo a presenciar a cerimônia. Lucian sentia a sacudida da mão de Isabelle no braço, e ele rapidamente sujeitou a mão e deu a ela um apertão tenro. Ele escutava as palavras do sacerdote pela metade enquanto os olhos procuravam qualquer sinal de um ataque.

-Você, Isabelle Ferguson, está de acordo em tomar ao Príncipe Lucian Sinclair como seu marido? Amar, respeitar, e obedecer? - O sacerdote perguntou.

Lucian baixou o olhar para Isabelle e observo como sua boca se dispersava em um grande sorriso.

—Sim, o tomo. - ela respondeu.

O sacerdote logo se girou para o Lucian.

-Você, Príncipe Lucian Sinclair, está de acordo em tomar a Isabelle Ferguson como sua esposa? Proteger, respeitar, e amar?

-Sim, a tomo.

O sacerdote lhes dedicou um sorriso e deu a um sinal claro a alguém. Para surpresa de Lucian, um Fae se moveu ao pedestal ante eles. Os incomuns e místicos olhos azuis do Fae formaram redemoinhos na ensolarada manhã, e o branco cabelo loiro pendurava sobre as costas e estava sujeito detrás da cara por muitas diminutas e intricadas trança.

-Lucian. Isabelle. - ele disse. -Hoje é um dia mágico, um dia que põe um passo mais próximo a Drahcir para continuar. Estou aqui como emissário do Rei Theron e a Rainha Rufina que enviam sua aprovação e bênção para esta união.

Ele respirou fundo e lhes dedicou um sorriso enquanto levantava a mão sobre eles e disse algo que só poderia ser a linguagem do Fae.

-Desfrutem de sua vida juntos. - ele disse com uma piscada.

Os cidadãos de Drahcir explodiram em aclamações de alegria. Lucian não perdeu o tempo em levar a Isabelle a seus braços e saborear seus doces lábios outra vez.

-Princesa Isabelle. Agrada-me.

Ela riu nervosamente e lhe sorriu.

-Você também.

Enquanto sua mãe chegava para felicitá-los, seu pai se moveu bordo da torre e disse:

-Comece a celebração.

Todos eles riram enquanto a música e a bebida começaram imediatamente.

O Fae deteve Lucian antes que ele pudesse deixar a torre para celebrá-lo.

-Ouvi que você foi atacado.

Lucian inclinou a cabeça e sentiu Isabelle tomar sua mão.

-Fomos.

-Quem foi?

-Um Tnarg.

O Fae resmungou algo que Lucian estava seguro era uma maldição de algum tipo.

-Está seguro?

-Muito seguro. Tratou de matar a Isabelle.

Isabelle inclinou a cabeça enquanto, o olhar do Fae a percorria.

-Não se foi até que usei a adaga de Lucian nele.

-Uma arma Fae. - o Fae resmungou. - Interessante. E diz que você que o apunhalou?

Isabelle percorreu com o olhar ao Lucian.

-O Fiz. Estava a ponto de matar a Lucian. Não tive outra eleição.

-Não, não a teve. - o Fae esteve de acordo. Ele olhou a Isabelle e ao Lucian.

-Vocês dois não têm idéia do que têm feito, não é assim?

Lucian espionou ao Fae.

-O que exatamente é isso que temos feito?

-A única meta de um Tnarg é matar a quaisquer e todo homem e mulher que os meninos Sinclair reclamam como seu. Muito poucos escaparam isso quando há resolvido aventurar-se de sua guarida.

Lucian devorou a Isabelle contra ele. Em nenhuma parte dos textos da história do Drahcir indica que o Tnarg está.

-Tivemos sorte. Terá os meus irmãos?

O Fae apartou o olhar.

-Isso, não lhes posso dizer. Devo ir agora.

E logo ele se foi.

-Inclusive não conheço seu nome. - Isabelle disse.

Lucian a abraçou e percorreu com as mãos facilmente suas costas. Ele olhou fora do reino através das portas e mais à frente por debaixo, para o passo que conduzia à cidade. Seus pensamentos recorreram a seus irmãos.

-Virão. - Isabelle disse.

Ele olhou para baixo a seu rosto doce. Seu sorriso afastou sua melancolia.

-Sim, farão-o, meu amor. Nós os Sinclair não nos rendemos facilmente.

-Graças a Deus por isso. - ela disse.

Lucian jogou uma olhada uma vez mais às portas da cidade. Ele tinha encontrado a sua companheira. Ele justamente rogava que seus irmãos o fizessem igualmente.